A Bezerra Vermelha, o Monte das Oliveiras e o Sacrifício de Yeshua

PARTE I - A TIPOLOGIA (OS TIPOS)

É normal e quase uniformemente aceite no seio do cristianismo em geral que muitos dos sacrifícios prescritos na Torá de uma forma ou de outra apontavam para O Messias de Israel, Yeshua, que os terá cumprido aquando do seu sacrifício. O exemplo clássico e expressamente espelhado nos Escritos Apostólicos[1] é o cumprimento por Yeshua da figura do Cordeiro Pascal. Figura essa que nos é transmitida por João, o Baptista, quando, logo no início do ministério de Yeshua, se volta para Ele e diz "*eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*" (João 1:29). Naquele instante, João apresentou ao mundo O Cordeiro de Deus, e Este início ao Seu ministério.

É certo que toda a cerimónia por detrás do sacrifício da Páscoa foi cumprida na íntegra por Yeshua. Tal como o cordeiro pascal era levado para casa no dia 10 do mês do Abib e examinado por 4 dias até ao dia 14 em que era sacrificado, para ver se teria alguma mancha que o desqualificasse, também Yeshua entra em Jerusalém no mesmo dia 10 do Abib e durante quatro dias se expõe diariamente ao exame minucioso dos sacerdotes, fariseus, demais população e até dos gentios, pregando no Templo, a Casa de Seu Pai. É após este exame minucioso que Pilatos declara "*Não acho culpa alguma neste homem*". Também Ele ao dia 14 e precisamente à mesma hora em que os cordeiros estariam sendo mortos no Templo, é crucificado e expira às portas da cidade de Jerusalém em oferta da Sua vida ao Pai.

Não cabe, no entanto, no âmbito deste artigo, analisar o papel de Yeshua enquanto Cordeiro Pascal de Deus, papel esse sobejamente conhecido, mas sim revelar alguns aspectos porventura menos conhecidos mas certamente não menos importantes.

Apesar de ser aceite que os sacrifícios, de uma forma ou de outra apontavam para Yeshua, com excepção do sacrifício pascal, muita pouca atenção é dedicada a estudá-los e a estudar a forma como se terão cumprido Nele.

[1] Vulgo "Novo Testamento".

Os Quatro Sacrifícios pelo Pecado

A ausência do estudo, para não dizer a frequente rejeição por parte de grande parte do "cristianismo" em relação às Escrituras Hebraicas,[2] conduziu, ao longo dos tempos, e ainda hoje, a um grande desconhecimento da Torá/Lei de Deus e muito particularmente dos vários sacrifícios que ela estipulava. É frequente encontrarmos pessoas que pensam que os sacrifícios eram, todos eles, realizados para expiação dos pecados. Nada mais falso.

Sem querer entrar num estudo aprofundado dos vários tipos de sacrifícios, digamos apenas que, para além dos sacrifícios pelo pecado (que nem sequer era o do cordeiro pascal)[3] tínhamos ainda ofertas queimadas, ofertas pacíficas e ofertas de culpa. Isto para não falar das ofertas que se realizavam aquando da celebração de um voto, por exemplo[4].

As Escrituras apresentam-nos quatro tipos distintos de ofertas pelo pecado. **O primeiro** diz respeito ao pecado do Sumo-Sacerdote:

> **Levítico 4:3-12**
> ***Se for o sacerdote ungido que pecar**, assim tornando o povo culpado, oferecerá a YHWH, pelo pecado que cometeu, **um novilho** sem defeito como oferta pelo pecado. (4) Trará o novilho **à porta da tenda da revelação**, **perante YHWH**; porá a mão sobre a cabeça do novilho e o imolará **perante YHWH**. (5) Então o sacerdote ungido tomará do sangue do novilho, e o trará à tenda da revelação; (6) e, molhando o dedo no sangue, espargirá do sangue sete vezes **perante YHWH**, diante do véu do santuário. (7) Também o sacerdote porá daquele sangue **perante YHWH**, sobre as pontas do altar do incenso aromático, que está na tenda da revelação; e todo o resto do sangue do novilho derramará à base do altar do holocausto, que está à porta da tenda da revelação. (8) E tirará toda a gordura do novilho da oferta pelo pecado; a gordura que cobre a fressura, sim, toda a gordura que está sobre ela, (9) os dois rins e a gordura que está sobre eles, e a que está junto aos lombos, e o redenho que está sobre o fígado, juntamente com os rins, tirá-los-á, (10) assim como se tira do boi do sacrifício pacífico; e o sacerdote os queimará sobre o altar do holocausto. (11) Mas o couro do novilho, e toda a sua carne, com a cabeça, as pernas, a fressura e o excremento, (12) enfim, o novilho todo, levá-lo-á **para fora do arraial a um lugar limpo**, em que se lança a cinza, e o queimará sobre a lenha; onde se lança a cinza, aí se queimará.*

O segundo sacrifício pelo pecado era também o de um novilho mas desta feita o sacrifício era realizado pelo pecado colectivo da nação:

[2] Vulgo "Antigo Testamento".
[3] Algo que cai fora do âmbito deste artigo analisar.
[4] Veja-se o exemplo do apóstolo Paulo que, seguindo as instruções de Tiago (Ya'acov), irmão de Yeshua e já muito depois da morte e ressurreição deste (e para espanto de muita gente), se desloca ao Templo com outros crentes que iriam fazer votos de Nazireu (Actos 21:23-24), o que por sua vez implicava a realização de vários dos tipos de sacrifício enunciados acima (Números 6:13-21).

Levítico 4:13-21

*Se **toda a congregação de Israel errar**, sendo isso oculto aos olhos da assembleia, e eles tiverem feito qualquer de todas as coisas que YHWH ordenou que não se fizessem, assim tornando-se culpados; (14) quando o pecado que cometeram for conhecido, a assembleia oferecerá **um novilho** como oferta pelo pecado, e o trará **diante da tenda da revelação**. (15) Os anciãos da congregação porão as mãos sobre a cabeça do novilho **perante YHWH**; e imolar-se-á o novilho **perante YHWH**. (16) Então o sacerdote ungido trará do sangue do novilho à tenda da revelação; (17) e o sacerdote molhará o dedo no sangue, e o espargirá sete vezes **perante YHWH**, diante do véu. (18) E do sangue porá sobre as pontas do altar, que está **perante YHWH**, na tenda da revelação; e todo o resto do sangue derramará à base do altar do holocausto, que está **diante da tenda da revelação**. (19) E tirará dele toda a sua gordura, e queimá-la-á sobre o altar. (20) Assim fará com o novilho; **como fez ao novilho da oferta pelo pecado, assim fará a este**; e o sacerdote fará expiação por eles, e eles serão perdoados. (21) **Depois levará o novilho para fora do arraial, e o queimará como queimou o primeiro novilho**; é oferta pelo pecado da assembleia.*

O terceiro sacrifício pelo pecado era também um sacrifício colectivo pelos pecados da nação de Israel e realizava-se no Yom Kippur ou Dia da Expiação, uma das solenidades de YHWH[5]. Desta feita eram sacrificados um novilho e um bode sendo que o novilho era para expiação dos pecados do Sumo-Sacerdote e o bode era para expiação dos pecados do povo:

Levítico 16:6-27[6]

*…Arão oferecerá o novilho da oferta pelo pecado, o qual será para ele, e fará expiação por si e pela sua casa. (7) Também tomará os dois bodes, e os porá **perante YHWH**, **à porta da tenda da revelação**. (8) E Arão lançará sortes sobre os dois bodes… (9) Então apresentará o bode sobre o qual cair a sorte por YHWH, e o oferecerá como oferta pelo pecado… (11) Arão, pois, apresentará o novilho da oferta pelo pecado, que é por ele, e fará expiação por si e pela sua casa; e imolará o novilho que é a sua oferta pelo pecado… (14) Tomará do sangue do novilho, e o espargirá com o dedo sobre o propiciatório ao lado oriental; e **perante o propiciatório** espargirá do sangue sete vezes com o dedo. (15) Depois imolará o bode da oferta pelo pecado, que é pelo povo, e trará o sangue o bode para dentro do véu; e fará com ele como fez com o sangue do novilho, espargindo-o sobre o propiciatório, e **perante o propiciatório**; (16) e fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, sim, de todos os seus pecados. Assim também fará pela tenda da revelação, que permanece com eles no meio das suas imundícias… (18) Então sairá ao altar, que está **perante YHWH**, e fará expiação pelo altar; tomará do sangue do novilho, e do sangue do bode, e o porá sobre as pontas do altar ao redor. (19) E do sangue espargirá com o dedo sete vezes sobre o altar, purificando-o e santificando-o das imundícias dos filhos de Israel… (24) …então sairá e oferecerá o seu holocausto, e o holocausto do povo, e fará expiação por si e pelo povo. (25) Também queimará sobre o altar a gordura da oferta pelo pecado… (27) Mas **o novilho da oferta pelo***

[5] Ver Levítico 23:27-32.
[6] Passagem abreviada por uma questão de espaço.

***pecado e o bode da oferta pelo pecado**, cujo sangue foi trazido para fazer expiação no lugar santo, **serão levados para fora do arraial**; e lhes queimarão no fogo as peles, a carne e o excremento.*

Note-se que estes três sacrifícios pelo pecado têm múltiplos aspectos em comum:

- Todos estes eram sacrificados dentro do complexo do Templo, **perante YHWH**. Note-se a insistência em todas estas passagens para que estes sacrifícios se realizassem *"perante YHWH"* ou *"diante da Tenda da Revelação"* ou *"perante o propiciatório"*. Na primeira passagem esta instrução é dada nada mais nada menos que cinco vezes. A ideia comum era a de que todos estes sacrifícios tinham de ser realizados diante de Deus cujo trono era o Propiciatório que estava no Santo dos Santos dentro da Tenda da Revelação. A ideia é a de que Deus estaria sentado no Seu trono a assistir a tudo isto. Este aspecto é particularmente importante e falaremos dele mais adiante.

- Em todos os casos o seu sangue era aspergido sete vezes diante do véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo ou Santo dos Santos (excepto no Dia da Expiação em que o sangue era também aspergido sete vezes mas diante no Propiciatório no próprio Lugar Santíssimo).

- A gordura e órgãos dos animais eram queimados no altar que estava diante do Templo.

- Em todos os casos os corpos dos animais sacrificados (com excepção da sua gordura e órgãos) eram transportados para um *"lugar limpo"* do lado de fora do arraial para serem queimados e reduzidos a cinzas num altar. Falaremos deste local mais adiante.

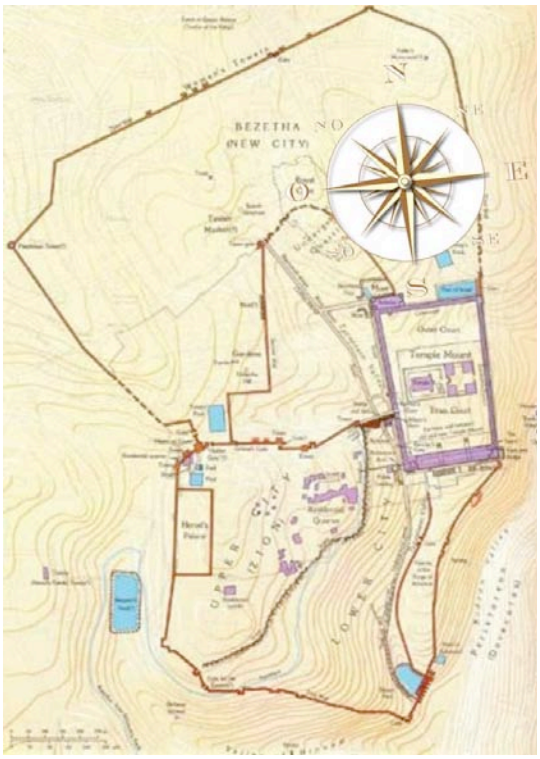
O quarto sacrifício pelo pecado revestia-se de aspectos particulares pois sendo uma oferta pelo pecado era uma oferta de purificação usada para purificar o Templo de YHWH e toda a congregação de Israel:

Números 19:2-10
*Este é o estatuto da lei que YHWH ordenou, dizendo: Dize aos filhos de Israel que te tragam uma novilha vermelha sem defeito, que não tenha mancha, e sobre a qual não se tenha posto jugo: (3) Entregá-la-eis a Eleazar, o sacerdote; ele a tirará **para fora do arraial**, e a imolarão diante dele. (4) Eleazar, o sacerdote, tomará do sangue com o dedo, e dele **espargirá para a frente da tenda da revelação** sete vezes. (5) Então à vista dele se queimará a novilha, tanto o couro e a carne, como o sangue e o excremento; (6) e o sacerdote, tomando pau do cedro, hissopo e carmesim, os lançará no meio do fogo que queima a novilha. (7) Então o sacerdote lavará as suas vestes e banhará o seu corpo em água; depois entrará no arraial; e o sacerdote será imundo até a tarde. (8) Também o que a tiver queimado lavará as suas vestes e banhará o seu corpo em água, e será imundo até a tarde. (9) E um homem limpo recolherá a cinza da novilha, e a depositará **fora do arraial, num***

> ***lugar limpo**, e ficará ela guardada para a congregação dos filhos de Israel, para a água de purificação; é oferta pelo pecado. (10) E o que recolher a cinza da novilha lavará as suas vestes e será imundo até a tarde; isto será por estatuto perpétuo aos filhos de Israel e ao estrangeiro que peregrina entre eles.*

Desta feita o animal não era sacrificado no Templo mas conduzido vivo para fora do arraial onde era então sacrificado à vista do Sumo-Sacerdote. O facto de o Sumo-Sacerdote depois aspergir o sangue sete vezes "*para a frente da tenda da revelação*" indica que o sacrifício do animal ocorria fora do arraial mas defronte do Templo.

Na figura ao lado vemos que a estrutura rectangular do Templo (a roxo na imagem) estava construída ao longo de um eixo este-oeste estando a parte da frente do Templo virada a oriente.



Ora se o Sumo-Sacerdote aspergia o sangue da bezerra vermelha "*para a frente da tenda da revelação*" que é como quem diz, para a frente do Templo, isso significa que o sacrifício do animal decorria a oriente do Templo e defronte do mesmo. Isto só pode querer dizer que ele ocorria ou no Vale de Cedrom, ou no Monte das Oliveiras imediatamente em frente.

A bezerra era então queimada inteira (inclusive com a sua gordura e órgãos) num altar erigido para o efeito fora do arraial e defronte do Templo – o "*lugar limpo*" que referimos atrás e acerca do qual falaremos mais adiante.

As suas cinzas eram então misturadas com as cinzas das bezerras anteriores e com água e essa mistura era usada no processo de purificação do Templo, bem como das pessoas que a ele acediam. Pequeníssimas quantidades desta cinza eram usadas de cada vez e por isso as cinzas poderiam durar anos apenas havendo necessidade de sacrificar a próxima bezerra quando as cinzas terminassem. Na realidade tratava-se de um sacrifício único, realizado apenas uma vez – pelo menos enquanto durassem as cinzas.

As Nove Bezerras Vermelhas Passadas e a Décima Esperada

De acordo com a Mishna[7], ao todo nove bezerras vermelhas foram sacrificadas na história de Israel:

> *"A **primeira** bezerra a ser queimada foi sob a supervisão de Moisés naquele segundo dia de Nissan[8]no segundo ano do Êxodo. A **segunda** bezerra a ser queimada foi debaixo da supervisão de Esdras; **duas** foram queimadas por Shimon HaTzadik; **duas** foram queimadas por Yochanan, o Sumo-Sacerdote, a **sétima** por Eliehoenai, filho de He-Kof, a **oitava** por Hanamel, o Egípcio, a **nona** por Ishmael, filho de Piabi e a **décima** será queimada no tempo do Messias."* (Mishna, Tratado Parah, – Tradução Livre)

Olhando para a passagem acima duas coisas saltam à vista. A primeira delas é que desde os tempos do Tabernáculo construído no sopé do Monte Sinai até à destruição do Templo de Salomão – um período de mais de mil anos – apenas foi sacrificada uma única bezerra vermelha. Isto faz supor que durante todo esse tempo foi possível manter inicialmente o Tabernáculo e depois o Templo num estado de pureza quase permanente. Porém, desde o regresso de Judá do exílio em Babilónia e subsequente reconstrução do Templo até à sua destruição no ano 70 da nossa era – um período de cerca de 450 anos – nada mais nada menos que oito bezerras foram sacrificadas. Isto compreende-se face à grande corrupção moral que decorreu nessa altura na nação de Judá e seu consequente adultério em relação ao Seu Deus.

> **2Crónicas 33:2-7,9**
> [O rei Manassés] *fez o que era mau aos olhos de YHWH, conforme as abominações dos povos que YHWH lançara fora de diante dos filhos de Israel. (3) Pois tornou a edificar os altos que Ezequias, seu pai, tinha derribado; e levantou altares aos baalins, e fez aserotes, e adorou a todo o exército do céu, e o serviu. (4) Também edificou altares na casa de YHWH, da qual YHWH tinha dito: Em Jerusalém estará o meu nome eternamente. (5) Edificou altares a todo o exército do céu, nos dois átrios da casa de YHWH. (6) Além disso queimou seus filhos como sacrifício no vale do filho de Hinom; e usou de augúrios e de encantamentos, e dava-se a artes mágicas, e instituiu adivinhos e feiticeiros; sim, fez muito mal aos olhos de YHWH, para o provocar à ira. (7) Também a imagem esculpida do ídolo que tinha feito, ele a colocou na casa de Deus, da qual Deus tinha dito a David e a Salomão, seu filho: Nesta casa, e em Jerusalém, que escolhi de todas as tribos de Israel, porei eu o meu nome para sempre… (9) Manassés tanto fez errar a Judá e aos moradores de Jerusalém, que eles fizeram o mal ainda mais do que as nações que YHWH tinha destruído de diante dos filhos de Israel.*

[7] A parte mais antiga do Talmude – uma compilação de tradições e interpretações rabínicas.
[8] Designação do primeiro mês do ano – mês do Abib – herdada de Babilónia. Inicialmente os meses do ano não tinham nomes mas eram designados por 1º mês, 2º mês, etc.

Face a tudo isto não é de estranhar que a corrupção tenha entrado no Templo levando à necessidade frequente de ter de o purificar e consequentemente a um acréscimo de sacrifícios de bezerras vermelhas.

A segunda coisa que salta à vista é que, de acordo com a Mishna, a décima bezerra vermelha requerida para a purificação de um novo Templo será sacrificada "*no tempo do Messias*". Ora nós sabemos que nos Tempos do fim e antecedendo a segunda vinda do Messias, haverá em Israel um Templo, ou pelo menos um altar em funcionamento, logo haverá lugar à realização de sacrifícios.

> **Apocalipse 11:1-2**
> *Foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e foi-me dito: Levanta-te, mede o santuário de Deus, e o altar, e os que nele adoram. (2) Mas deixa o átrio que está fora do santuário, e não o meças; porque foi dado aos gentios; e eles pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses*.

Isto implica que para a consagração deste novo altar ou Templo duas coisas terão de acontecer:

1. O contentor com as cinzas das antigas bezerras terá de ser encontrado; e,
2. Uma bezerra vermelha sem defeito terá de nascer em Israel.

No que toca à busca pelo contentor com as cinzas das antigas bezerras, essa busca está em curso há muitos anos. Muitos componentes igualmente necessários ao funcionamento do Templo foram já encontrados e muitos outros fabricados de raiz pelo Instituto do Templo em Israel, mas o contentor com as cinzas antigas permanece oculto.

Relativamente ao nascimento de uma nova bezerra vermelha, surpreendentemente (ou nem tanto para quem anda a par da profecia bíblica) nenhuma havia nascido em Israel há mais de 2000 anos. Subitamente em Março de 1997 nasce uma num kibutz perto de Haifa em Israel. Apesar de inicialmente declarada kosher pelos rabis, essa bezerra viria a ser desqualificada por, passado um ano, lhe terem sido detectadas imperfeições[9]. Cinco anos depois, em Março de 2002, nasce uma segunda numa quinta da Galileia também ela declarada kosher pelos rabis mas que viria a ser desqualificada em Novembro desse mesmo ano[10]. Tudo indica que os tempos das profecias finais se estão a cumprir.

O Altar Mifcad

Já acima dissemos que a bezerra vermelha não era, à semelhança de outros sacrifícios pelo pecado, morta no Templo, mas era conduzida viva para fora do

[9] De acordo com a Torá a bezerra vermelha tem de ser sem defeito. De acordo com a tradição rabínica isso significa que não mais de três pelos brancos ou pretos poderão ser encontrados em todo o seu corpo.
[10] Ver notícia e fotografias do animal em www.templeinstitute.org/archive/red_heifer_born.htm

arraial para oriente para ser sacrificada num altar próprio[11] – o mesmo em que eram cremados os restos mortais dos demais animais oferecidos como sacrifícios pelo pecado. Trata-se do mesmo "*lugar limpo*" já atrás referido. De acordo com o testemunho dos escritos rabínicos, este altar designava-se por Altar Mifcad que em hebraico significa 'ordenado ou designado' (mais sobre o significado desta palavra mais à frente no trabalho).

Não é por acaso que Ezequiel, na sua descrição daquele que há-de ser o terceiro Templo e referindo-se ao novilho sacrificado pelo pecado, nos diz:

> **Ezequiel 43:21**
> *Então tomarás o novilho da oferta pelo pecado, o qual será queimado no lugar da casa para isso ordenado, fora do santuário.*

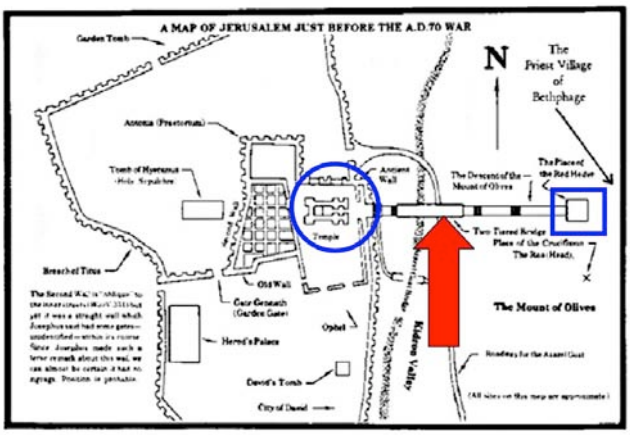
A casa, nesta passagem refere-se ao Templo de Deus mas o lugar ordenado é uma referência ao altar Mifcad. Diga-se de passagem que a palavra "ordenado" nesta passagem é uma tradução directa da palavra hebraica "Mifcad".

Note-se ainda que, há semelhança do que já havíamos visto acima, também Ezequiel nos diz que este lugar ordenado ou (altar Mifcad) é fora do santuário.

Neemias, ao descrever as obras de restauração do Templo após o regresso do povo de Babilónia, fala-nos também numa porta Mifcad:

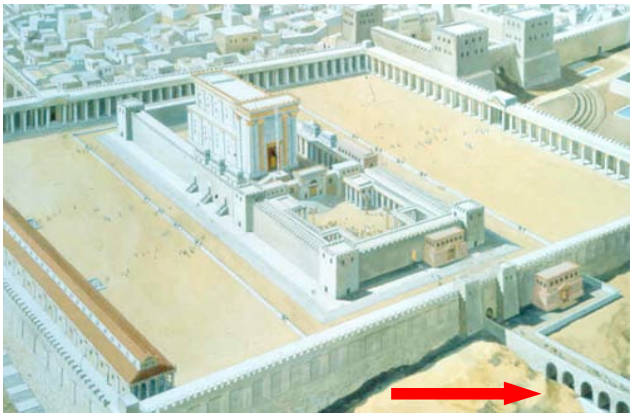
> **Neemias 3:31-32**
> *Depois dele, reparou Malquias, filho de um ourives, até à casa dos netineus e mercadores, defronte da porta de Mifcad, e até à câmara do canto. (32) E entre a câmara do canto e a porta do gado repararam os ourives e os mercadores.*

A imagem ao lado revela-nos o Templo como ele existia ao tempo de Yeshua. Note-se o Templo orientado a oriente, dentro do círculo azul, tendo directamente em frente o altar Mifcad no Monte das Oliveiras (dentro do quadrado azul). Note-se ainda que entre o Templo e este altar existia uma extensa ponte (seta vermelha) que atravessava o profundo vale de Cedrom. Era por esta ponte que a bezerra vermelha era conduzida até ao altar Mifcad.



[11] Midote 1:3; 2:4; Yoma 7:2; Talmude em Yoma 68a e Zebanim 105b

Vejamos agora algumas representações desta enorme ponte sobre o Vale de Cedrom:



A Mishna corrobora também a existência desta ponte:

> *"Havia cinco portas para o Monte do Templo: as duas portas de Hulda a sul, que serviam para entrar e sair; a porta de Kiponus a ocidente, que servia para entrar e sair; a porta Tadi a norte, que não era usada de todo; a porta oriental… Por esta passava o sumo-sacerdote que queimava a bezerra, a bezerra, e todos os que o assistiam, para o Monte das Oliveiras."* (Mishna Midote 1:3 – Tradução livre)

> *"Fizeram uma ponte do Monte do Templo para o Monte das Oliveiras, uma passagem arqueada construída sobre outra passagem arqueada, com um arco directamente por cima de cada pilar* [do arco debaixo]*, com medo de qualquer sepultura nas profundezas abaixo. Através dela, o sacerdote que queimaria a bezerra, a bezerra, e todos os que o assistiam passavam para o Monte das Oliveiras."* (Mishna Pará 3:6 – Tradução Livre)

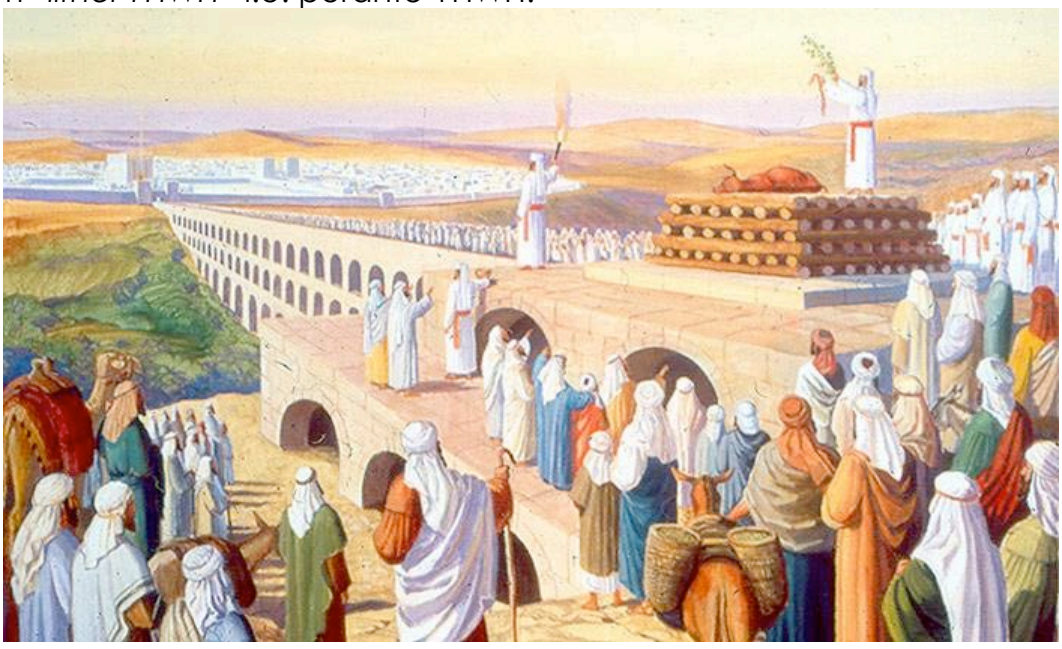
Perante YHWH

Algo a que já aludimos atrás foi à insistente instrução da parte de Deus para que todos os sacrifícios e holocaustos se realizassem "perante YHWH". Nas passagens transcritas no início deste trabalho dos capítulos 4 e 16 de Levítico, encontramos repetidas vezes a instrução para que tudo se fizesse "perante YHWH" ou "diante da tenda da revelação". Mas essas passagens estão longe de ser únicas. Vejamos algumas mais:

> **Levítico 9:2,4-5,24**
> *e disse a Arão: Toma um bezerro tenro para oferta pelo pecado, e um carneiro para holocausto, ambos sem defeito, e* ***oferece-os perante YHWH****… (4) também um boi e um carneiro para ofertas pacíficas, para* ***sacrificar perante YHWH****… (5) …e chegou-se toda a congregação, e ficou de pé* ***diante de YHWH****… (24) pois saiu fogo de* ***diante de YHWH****, e consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar; o que vendo todo o povo, jubilaram e prostraram-se sobre os seus rostos.*

A expressão "perante YHWH" é *"lifnei YHWH"*, literalmente traduzida seria "na face de YHWH" o que pressupõe que era algo realizado diante de ou à frente de YHWH. Esta expressão "diante de YHWH" surge amiúdes vezes nas Escrituras sempre que se fala de sacrifícios[12]. Obviamente os sacrifícios eram feitos diante de YHWH, nunca nas Suas costas.

Agora que já vimos onde se situava o Altar Mifcad, na encosta do Monte das Oliveiras defronte do Templo e que este estava unido ao Templo por uma extensa e imponente ponte, podemos constatar que efectivamente o sacrifício da bezerra vermelha, realizava-se não só fora do arraial, como prescrito, como também *"lifnei YHWH"* i.e. perante YHWH.



[12] Também é usada frequentemente para se referir a alguém que era obediente a YHWH, pois andava perante ou andava com YHWH, como foi o caso de Enoque.

Como se pode claramente ver nas duas imagens anteriores, o sacrifício, bem como a posterior aspersão do sangue, eram feitos fora do arraial mas perante YHWH conforme prescrito na Torá.

Fora do Arraial – Sacrifícios pelo Pecado e Penas Capitais

Por tudo quanto já vimos, é óbvio que a cremação dos animais oferecidos pelo pecado bem como o sacrifício da bezerra vermelha, ocorrendo como ocorriam no Altar Mifcad, eram realizados, sem sombra de dúvida, fora do arraial. Mas não eram apenas estas ocorrências que tinham lugar fora do arraial. Penas capitais eram igualmente executadas "fora do arraial".

> **Números 15:35-36**
> *Então disse YHWH a Moisés: certamente será morto o homem; toda a congregação o apedrejará* ***fora do arraial****. (36) Levaram-no, pois, para fora do arraial, e o apedrejaram, de modo que ele morreu; como YHWH ordenara a Moisés.*

O capítulo 2 de Números indica a ordem pela qual o povo de Israel deveria acampar em torno do Tabernáculo no deserto mas diz também que o deveriam fazer a uma distância determinada:

> **Números 2:1-2**
> *Falou YHWH a Moisés e a Aarão e disse: (2) "Os filhos de Israel acamparão cada um junto à sua insígnia, sob os emblemas de suas casas patriarcais. Acamparão ao redor da Tenda da Reunião,* ***a uma distância determinada****".* (BJ)[13]

[13] Infelizmente a tradução João Ferreira de Almeida não deixa transparecer este aspecto por isso transcrevemos aqui da Bíblia de Jerusalém.

Esta distância é-nos revelada mais adiante, no livro de Josué:

> **Josué 3:3-4**
> *…Quando virdes a arca do pacto de YHWH vosso Deus sendo levada pelos levitas sacerdotes, partireis vós também do vosso lugar, e a seguireis (4) (haja, contudo, entre vós e ela, uma distância de **dois mil côvados**[14], e não vos chegueis a ela)…*

Ernest L. Martin, no seu livro "*Secrets of Golgotha*" (Segredos do Gólgota) explora esta ideia:

> *"Mas porquê 2000 cúbitos? Era determinado que o 'lugar' de residência de alguém podia estender-se para fora, 2000 cúbitos a partir do seu 'lugar' central de residência. Se, por exemplo, alguém vivesse numa tenda no deserto, esse alguém podia considerar o seu 'lugar' como estendendo-se 2000 cúbitos a partir da própria tenda. Se alguém vivesse numa cidade murada, então o seu 'lugar' era considerado como sendo 2000 cúbitos para lá das muralhas pois toda a cidade era considerada um 'lugar' colectivo. Este cálculo foi determinado considerando que haviam 2000 cúbitos entre a Arca do Concerto (onde Deus simbolicamente residia) e o resto dos israelitas enquanto marchavam a caminho da Terra Prometida. Daqui se determinou que Deus considerava o Seu próprio 'lugar' (ou residência) como tendo uma extensão de 2000 cúbitos a partir do Santo dos Santos onde a Arca do Concerto supostamente estaria. Semelhantemente, a cada cidade Levítica eram concedidos 2000 cúbitos à volta das suas muralhas como sendo os limites da cidade (Números 35:5-6).* (Martin, *Secrets of Golgotha*, págs.44-45 – Tradução livre)

Assim sendo, "fora do arraial" implica cerca de 1km para além do mesmo e em termos cerimoniais era medido a partir do Santo dos Santos. O Altar Mifcad situado que estava no extremo da ponte que atravessava o Vale de Cedrom, defronte do Templo, na encosta do Monte das Oliveiras, estava para além do limite dos 2000 cúbitos (±1 Km) sendo já considerado "fora do arraial".

O autor da carta aos Hebreus confirma tudo o que temos estado a dizer até aqui:

> **Hebreus 13:10-11**
> *Temos um altar, do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo. (11) Porque os corpos dos animais, cujo sangue é trazido para dentro do santo lugar pelo sumo sacerdote como oferta pelo pecado, são queimados **fora do arraial**.*

Assim constatamos que tudo o que pudesse comprometer a pureza e santidade do Trono de Deus, i.e., do Templo, como sejam ofertas pelo pecado ou a execução de penas capitais, ocorriam fora do arraial a uma distância pré-

[14] Atendendo a que um côvado ou cúbito equivale sensivelmente a 50 cm, 2000 côvados correspondem sensivelmente a 1 km.

determinada de 2.000 cúbitos (cerca de 1 Km) a oriente do mesmo e "*lifnei YHWH*", i.e., perante YHWH.

Voltando a "*Secrets of Golgotha*", Ernest L. Martin, expande mais esta ideia:

> "*…todas as coisas impuras associadas ao Templo, a Jerusalém ou ao povo de Israel (quer animais quer seres humanos) tinham de ser descartadas a* ***oriente*** *das áreas sagradas. É de relembrar que as ofertas pelo pecado sacrificadas no Templo tinham de ser levadas para* ***oriente*** *para o* ***Altar Mifcad*** *para serem reduzidas a cinzas (Lev.4:1-21). O novilho e o bode (ambos ofertas pelo pecado) que eram sacrificados no Dia da Expiação tinham de ser levados para o mesmo altar a* ***oriente*** *e reduzidos a cinzas (Lev.16:27). Mesmo o bode vivo (o bode expiatório) era conduzido… ao deserto a* ***oriente*** *de Jerusalém (Lev.16:20-22). A oferta pelo pecado conhecida por Bezerra Vermelha era também reduzida a cinzas no* ***Altar Mifcad*** *que era, claro, a* ***oriente*** *do Templo e de Jerusalém.*
>
> *Até mesmo as cinzas dos sacrifícios oferecidos no Altar de Ofertas Queimadas no próprio Templo tinham de ser levadas para* ***oriente*** *para o mesmo* ***'lugar limpo'*** *no* ***Altar Mifcad*** *(Lev.4:12). Para os judeus, cinzas eram um símbolo de luto e arrependimento e tinham de ser depositadas a* ***oriente*** *de Jerusalém, numa área onde os animais que carregavam os pecados de Israel eram reduzidos a cinzas.*" (Martin, *Secrets of Golgotha*, págs.47 – Tradução livre)

É curioso que, de acordo com o raciocínio das autoridades religiosas de Israel no século I da nossa era, cada pessoa culpada de acto criminoso ou blasfemo e sentenciada com a pena capital, era considerada uma oferta pelo seu próprio pecado. Considerava-se que nenhum animal seria capaz de realizar a expiação de algo tão grave e, nesse caso, seria a própria pessoa a expiar o seu próprio pecado, pagando o preço do mesmo. A obra "*Everyman's Talmud*" de Abraham Cohen, regista que o condenado à morte proferiria as seguintes palavras: "*Que a minha morte possa fazer expiação por todos os meus pecados.*"

Assim sendo, a execução de um criminoso era considerada análoga a uma oferta pelo pecado[15] e realizada na mesma zona do Altar Mifcad, i.e., na encosta do Monte das Oliveiras, fora do arraial e perante YHWH, ou seja, defronte do Templo a oriente, num "lugar limpo" designado para o efeito.

[15] Talmude Babilónico, Sinédrio 42b e 52a.

PARTE II - O ANTI-TIPO

Antes de entrarmos propriamente na análise do significado desta ou de outras imagens estabelecidas na Torá, convém salientar que todas elas são simbólicas, i.e. todas procuram transmitir um determinado significado através do acto em si. Por outras palavras, podemos chamar a todos estes actos rituais estabelecidos por YHWH na Sua Torá, palavras visíveis para o nosso ensinamento, as quais apontam para algo de transcendente que viria a ocorrer no futuro, à medida que o plano de Deus para com a humanidade se iria concretizando.

Não é por acaso que quando YHWH estabelece e ordena as suas solenidades em Levítico 23, Ele as descreve com as palavras hebraicas *'kadosh miqra'*[16] que significam simplesmente 'santos ensaios'. Todos estes actos são assim ensaios que O Todo-Poderoso estabeleceu para que, realizando-os nós aprendêssemos a mensagem que Ele nos quer transmitir. Afinal, uma imagem vale mais que mil palavras.

Dito isto, olhemos então para a cerimónia da bezerra vermelha. Apresentamos de seguida o texto de Números 19 (transcrito atrás) de forma sintética para nos relembrarmos da cerimónia e dos requisitos do animal:

A Produção das Cinzas

A Queima

- O animal é seleccionado e inspeccionado (19:2)
- O animal é entregue a um sacerdote (não ao Sumo-Sacerdote) que o conduz para fora do arraial (19:3)
- O animal é morto perante esse sacerdote por outro (19:3)
- O sacerdote a quem o animal foi entregue toma o sangue e asperge-o perante o Tabernáculo/Templo sete vezes (19:4)
- O animal é queimado perante o sacerdote – todo o animal é queimado (19:5)
- O sacerdote toma madeira de cedro, hissopo e carmesim e lança-os para o meio do fogo (19:6)

As Lavagens

- O sacerdote lava as suas vestes e o seu corpo em água, entra no arraial e permanece impuro até à tarde (19:7)
- O homem que queimou o animal lava as suas vestes e o seu corpo em água e permanece impuro até à tarde (19:8)

[16] Traduzidas na JFA pelas palavras 'santas convocações'.

As Cinzas

- Um outro homem que esteja limpo recolhe as cinzas e guarda-as fora do arraial num local limpo para serem usadas na preparação da água de separação do pecado para a congregação de Israel (19:9)
- O homem que recolheu as cinzas lava as suas roupas e fica impuro até à tarde (19:10)

A Necessidade

- Aquele que fica imundo por acção de um cadáver ficará imundo sete dias (19:11)
- Esse purificar-se-á com a água de separação ao terceiro dia e ficará puro ao sétimo dia (19:12)
- Aquele que negligenciar a purificação ao terceiro dia, profana o santuário de YHWH e é cortado de Israel (19:13)

Yeshua - O Nosso Sacrifício Pelo Pecado

Julgamos que, por tudo o que já vimos, é finalmente chegada a hora de começarmos a estabelecer as necessárias analogias à vida, sacrifício e execução de Yeshua, nosso Salvador e Redentor.

Como já dissemos atrás, todo o mundo cristão reconhece sem sombra de dúvida, o papel de Yeshua como O nosso cordeiro pascal. Toda a cerimónia por detrás do sacrifício da Páscoa foi cumprida na íntegra por Yeshua. Tal como o cordeiro pascal era levado para casa no dia 10 do mês do Abib e examinado por 4 dias até ao dia 14 em que era sacrificado, para ver se teria alguma mancha que o desqualificasse, também Yeshua entra em Jerusalém no mesmo dia 10 do Abib e durante quatro dias se expõe diariamente ao exame minucioso dos sacerdotes, fariseus, demais população e até dos gentios, pregando no Templo, a Casa de Seu Pai. É na Casa de Seu Pai e implicitamente na presença de Seu Pai que ele é condenado pelo Sumo-Sacerdote e por todo o Sinédrio[17] e é após este exame minucioso que Pilatos declara "*Não acho culpa alguma neste homem*". Também Ele ao dia 14 e precisamente à mesma hora em que os cordeiros estavam sendo mortos no Templo, é crucificado e expira.

O seu próprio primo, João, o Baptista, declarou a seu respeito, ser ele "*O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*" (João 1:29).

[17] A principal sede do Sinédrio situava-se dentro do complexo do Templo.

O autor da carta aos Hebreus escreve a seu respeito e inequivocamente como sendo o cumprimento para que apontavam todos os sacrifícios pelo pecado.

> **Hebreus 10:11-12**
> *Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; (12) mas este [Yeshua], **havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados**, assentou-se para sempre à direita de Deus*

A tipologia expressa nesta passagem abrange não apenas o cordeiro pascal como os sacrifícios pelo pecado oferecidos em várias outras ocasiões ao longo do ano, como sejam, os novilhos, os bodes e até mesmo a bezerra vermelha. No capítulo anterior, o mesmo autor deixa isso bem claro:

> **Hebreus 9:13-14**
> *Porque, se a aspersão do **sangue de bodes e de touros**, e das **cinzas duma novilha** santifica os contaminados, quanto à purificação da carne, (14) quanto mais **o sangue de Cristo**, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo?*

Ao analisarmos a tipologia da bezerra vermelha constatamos que também aqui há imensos paralelismos com o sacrifício de Yeshua. Tal como o cordeiro pascal, também a bezerra vermelha era inspeccionada no Templo para determinar se era sem defeito. Também Yeshua foi inspeccionado no Templo tendo Pilatos *a posteriori* declarado que não achava nele falta alguma.

Tal como a bezerra vermelha era conduzida pelo portão oriental do Templo até ao Altar Mifcad na encosta do Monte das Oliveiras, fora do arraial e perante YHWH, também Yeshua, como um homem condenado por blasfémia foi conduzido, para oriente do Templo[18] até ao seu local de execução, na mesma zona do Altar Mifcad, conforme já vimos. Também ele foi executado fora do arraial e perante Seu Pai.

Note-se o que diz o autor da carta aos Hebreus:

> **Hebreus 13:10-13**
> *Temos um altar, do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo. (11) Porque os corpos dos animais, cujo sangue é trazido para dentro do santo lugar pelo sumo sacerdote como oferta pelo pecado, são queimados **fora do arraial**. (12) **Por isso também Yeshua**, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, **sofreu fora da porta**. (13) **Saiamos pois a ele fora do arraial**, levando o seu opróbrio.*

[18] É de notar a semelhança com Adão e Eva que, tendo sido condenados pelo seu pecado foram banidos do jardim e da presença de Deus para oriente. É de notar ainda que a tribo de Judá à qual Yeshua pertencia, acampava no deserto a oriente do Tabernáculo (Números 2:3).

Mas há muito mais a dizer quanto a estes paralelismos. Lembremos os requisitos do animal:

- Tem de ser do sexo feminino, i.e., uma bezerra, não um boi ou um touro
- Tem de ser "vermelha"[19]
- Tem de ser sem defeito
- Tem de ser sem mancha
- Nunca pode ter levado jugo sobre si

Uma vez que este sacrifício serve para proporcionar cinzas que serão usadas por toda a comunidade, é imperativo que se use para o efeito um animal de grandes dimensões. Em todos os sacrifícios o animal de maior porte usado é o boi ou, neste caso, uma vaca. Nas ofertas pelo pecado do sacerdote ou da congregação como um todo, usa-se um boi mas na oferta individual pelo pecado, oferece-se uma cabra[20].

Por aqui se vê que o sexo feminino do animal está associado ao povo de Israel. Não esqueçamos afinal que Israel é a noiva/esposa de YHWH – sexo feminino. O facto de neste caso se usar uma bezerra, i.e., uma vaca e não um boi revela-nos que o alvo deste sacrifício é o próprio povo de Israel, a noiva/esposa de YHWH.

A cor do animal também tem muito que se lhe diga e é algo que nos pode escapar se não soubermos um pouco de hebraico. Um dos requisitos é que o animal seja '*adom*' (אדמ – alef, dalet, mem), i.e., vermelho[21]. A cor vermelha necessariamente simboliza sangue – '*dam*' (דמ – dalet, mem) – e é indicativo de que apenas pelo sangue seria a morte vencida[22] – a morte só é vencida pela morte. É imperativo que se entenda que esta palavra '*adom*' (vermelho) não só provém da mesma raiz que a palavra sangue – '*dam*' – como provém da mesma raiz da palavra Adão – em hebraico '*Adam*' (אדמ – alef, dalet, mem) – que se escreve exactamente da mesma maneira e que, por sua vez, foi formado do pó da terra – '*adamah*' (אדמה – *alef, dalet, mem, hey*). Assim sendo, a cor do animal nada mais é que uma referência a Adão que, sendo tomado do pó da terra foi feito alma vivente mas que, devido ao seu pecado, morreria e voltaria ao pó da terra.

Desta forma vemos claramente uma ligação entre esta bezerra e o homem pecador, não apenas na sua cor – palavra que se escreve exactamente da mesma maneira que a palavra 'homem' (אדמ – alef, dalet, mem) – mas também no seu destino final – "*és pó e em pó te tornarás*"[23]. Ambos estão ligados por

[19] Na realidade um castanho avermelhado.
[20] Não um bode – ver Levítico 4:3,13,15,27-28.
[21] Como dissemos atrás, esta palavra, apesar de traduzida por 'vermelho' é mais realisticamente entendida por ruivo ou um castanho avermelhado.
[22] Não esquecer que todo o contexto desta passagem aponta para a purificação da imundícia que advém pelo contacto com a morte (Números 19:11 e seguintes).
[23] Génesis 3:19

serem pó e, pela morte, tornarem ao pó (simbolizado no caso da bezerra pelo facto de ser reduzida a cinzas).

Onde existe um contraste entre esta bezerra e o homem pecador é que, ao contrário do homem pecador, a bezerra é descrita como sendo sem defeito e também sem mancha. Enquanto que a tradição rabínica interpreta isto como querendo dizer que o animal não pode ter mais de dois ou três pelos brancos ou pretos em todo o seu corpo, não há nada no texto que sequer sugira que é o número de pelos que está aqui em vista. O que esta passagem indica é que o animal tem de ser em tudo perfeito, i.e., não pode ter quaisquer cicatrizes, feridas ou imperfeições de qualquer espécie. O facto do animal ter de ser perfeito coloca-o em contraste com o homem pecador, contaminado que está pelo pecado e pela morte.

Por outro lado, o facto do animal nunca ter levado sobre si nenhum jugo indica que este animal nunca foi usado para fins mundanos, mas foi, desde cedo, separado para um propósito único e santo – aquele que era afinal também o propósito do homem quando foi inicialmente criado, ser a imagem de Deus na terra.

O facto desta cerimónia ter lugar fora do arraial tem a ver com facto de a cerimónia estar relacionada com a contaminação da morte. Isto é um requisito sempre presente na Torá. Todos os que se contaminavam por contacto com a morte ou por qualquer outro motivo, deveriam sair do arraial.

> **Números 5:1-3**
> *Disse mais YHWH a Moisés: (2) Ordena aos filhos de Israel que* ***lancem para fora do arraial*** *a todo leproso, e a todo o que padece fluxo, e* ***a todo o que está imundo*** *por ter tocado num morto; (3) tanto homem como mulher os lançareis para fora, sim, para fora do arraial os lançareis;* ***para que não contaminem o seu arraial, no meio do qual eu habito****.*

Note-se que o propósito não é a descriminação do indivíduo mas sim evitar a contaminação do arraial onde YHWH habitava com o Seu povo. A morte ou algo que contaminasse não poderia co-existir com a presença de YHWH dentro do arraial. É de salientar que a cerimónia de purificação de alguém que se curasse da lepra tinha lugar também fora do arraial[24].

É também por este motivo que o sacrifício que visava purificar (tanto no caso da bezerra vermelha como, por exemplo, do leproso) tinha lugar fora do arraial. Apesar do sacrifício em si não ser, à semelhança de outros sacrifícios, realizado no Altar do Templo, o sangue desse sacrifício era intencionalmente aspergido na direcção desse Altar. É por esse motivo que nós ainda hoje assistimos a muitos judeus e crentes em Yeshua a orarem nessa mesma direcção. Tudo isto está

[24] Ver Levítico 14:1, em diante.

correcto. Lembremos afinal as palavras do profeta Oseias que equipara as orações dos santos com sacrifícios:

> **Oseias 14:2**
> *Tomai convosco palavras, e voltai para YHWH; dizei-lhe: Tira toda a iniquidade, e aceita o que é bom; e ofereceremos como novilhos os sacrifícios dos nossos lábios.*

É também por este motivo que vemos o profeta Daniel, exilado em Babilónia a proceder exactamente da mesma forma:

> **Daniel 6:10**
> *...entrou em sua casa, no seu quarto em cima, onde estavam abertas as janelas que davam para o lado de Jerusalém; e três vezes[25] no dia se punha de joelhos e orava, e dava graças **diante do seu Deus**, como também antes costumava fazer.*

Note-se que também as orações de Daniel são equiparadas a um sacrifício perante YHWH ao serem dirigidas ao Templo – a Casa de YHWH – em Jerusalém.

Claramente, a imagem que nos está a ser transmitida é, por um lado, a de que a morte ou mesmo qualquer tipo de corrupção não tem parte nem pode co-habitar com YHWH, e por outro, a de que O próprio YHWH estabeleceu um plano alternativo, i.e., uma provisão a favor do Seu povo Israel, para que Ele possa voltar a habitar no Seu meio.

Essa provisão é, nada mais nada menos, que o sacrifício do Seu Filho Yeshua, e é essa provisão que o sacrifício da bezerra vermelha tipifica de forma exemplar.

Conforme já vimos o animal é do sexo feminino o que aponta para Israel como a noiva/esposa de YHWH e sendo Yeshua, O Messias, O cabeça da Sua noiva/esposa, a responsabilidade por cobrir o seu pecado recai sobre os seus ombros.

> **1Coríntios 11:3**
> *Quero porém, que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, o homem a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo.*

Nessa qualidade, a bezerra simboliza Israel mas acaba por apontar para Yeshua, que tira o pecado de Israel.

Vimos também que o facto de a cor vermelha do animal – *adom (alef, dalet, mem)* – em hebraico, se escrever exactamente da mesma forma que a palavra homem – *adam (alef, dalet, mem)* – aponta precisamente para uma provisão a favor do homem no seu estado decaído pois ambos se tornam em pó ou cinzas.

[25] Ver Salmo 55:18 e ver também que, de acordo com 2 Crónicas 6:21, Deus estaria, no Seu Templo, escutando as preces que o Seu povo fizesse a respeito daquele local (ou de acordo com a tradução da JPS *"em direcção àquele local").*

Ora Yeshua é ele próprio descrito como '*ben Adam*' ou Filho do Homem bem como, como o último '*Adam*' ou último Adão, o do céu – aquele que viria rectificar o que o primeiro Adão deitou a perder.

> **1Coríntios 15:45**
> *Assim também está escrito: O primeiro homem, Adão, tornou-se alma vivente; o último Adão, espírito vivificante.*

Semelhantemente, o animal era conduzido para fora de Jerusalém e morto perante os olhos do Sumo-Sacerdote:

> **Mateus 16:21**
> *Desde então começou Yeshua, o Messias, a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, que padecesse muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas, que fosse morto, e que ao terceiro dia ressuscitasse.*

> **João 19:18-21**
> *...o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio. (19) E Pilatos escreveu também um título, e o colocou sobre a cruz; e nele estava escrito: JESUS O NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. (20) Muitos dos judeus, pois, leram este título; porque o lugar onde Jesus foi crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. (21) Diziam então a Pilatos os principais sacerdotes dos judeus: Não escrevas: O rei dos judeus; mas que ele disse: Sou rei dos judeus.*

Outra semelhança ainda é que o sangue de Yeshua também não foi colocado sobre o Altar, tal como o da bezerra vermelha também não era[26].

Outra coisa a salientar é o papel desempenhado em ambos os casos pelas águas vivas.

A bezerra era reduzida a cinzas fora do arraial, cinzas essas que, como dissemos acima simbolizavam a morte – o pó a que o homem torna depois de morto. Yeshua, como dissemos também era homem e levou sobre si o preço do pecado (não o dele) – a morte. O seu corpo, no entanto, não chegou a ver o pó mas foi (também à semelhança da bezerra) recolhido a um local limpo.

> **Mateus 27:59-60**
> *E José [de Arimateia], tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo, de linho, (60) e depositou-o no seu sepulcro novo, que havia aberto em rocha...*

[26] Ainda no tópico do sangue, algo que existe em todos os sacrifícios pelo pecado, descritos atrás neste trabalho, é que o sangue de todos eles era aspergido sete vezes. Yeshua sangrou de sete pontos diferentes do seu corpo: duas mãos, dois pés, cabeça, costas e flanco (quando o soldado o perfurou com a lança).

Aquando da sua crucificação, dizem-nos os textos que, ao ser perfurado pela lança do soldado saíram do seu corpo água e sangue.

> **João 19:34**
> *contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu **sangue** e água.*

A ligação entre a água e o sangue e aquilo que o próprio Yeshua sempre anunciou de que vinha trazer água viva que produzia efeitos para a vida eterna, não nos deveria escapar.

> **João 4:10-11**
> *Respondeu-lhe Jesus: Se tivesses conhecido o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe terias pedido e ele te haveria dado água viva. (11) Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que tirá-la, e o poço é fundo; donde, pois, tens essa água viva?*

> **João 7:38**
> *Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva.*

> **1João 5:6**
> *Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Yeshua o Messias; não só pela água, mas pela água e pelo sangue.*

Esta água viva é nada mais nada menos que um símbolo do Espírito de Deus a escrever a Sua Palavra – a Sua Torá – nos corações dos Seus filhos. Quando as cinzas (morte) da bezerra se misturam com a água viva (a Palavra viva – Yeshua), a reconciliação entre o homem decaído e corrompido pelo pecado e pela morte, e O Todo-Poderoso, torna-se possível.

Outros elementos comuns entre o sacrifício da bezerra vermelha e o de Yeshua é o uso de madeira de cedro, hissopo e carmesim. É importante que se perceba que estes elementos não tinham propriedades mágicas nem curativas. Tudo tem a ver com a transmissão da tal imagem de que atrás falámos.

Recordemos a simbologia do carmesim na Palavra de Deus dada a Isaías:

> **Isaías 1:18**
> *ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã.*

O carmesim, ou mais concretamente, a cor carmesim, vermelho ou escarlata é algo que simboliza o pecado. Precisamente a razão de ser do sacrifício quer da bezerra quer do próprio Yeshua para quem a bezerra apontava. Note-se ainda que o pecado que Isaías compara como sendo carmesim, vermelho ou escarlate, é o pecado do povo – não de Yeshua, que não o tinha – e é

precisamente para purificar o povo desse pecado que a bezerra é sacrificada, bem como o próprio Yeshua.

O uso de madeira de cedro e hissopo representa um contraste. O cedro é uma árvore alta e recta ao passo que o hissopo é um arbusto rasteiro. Por aqui podemos ver que o Messias seria simultaneamente recto como o cedro e humilde como o hissopo. Podemos ainda ver uso do hissopo na morte de Yeshua quando lhe é dada a beber uma esponja embebida em vinagre:

> **João 19:29**
> *Estava ali um vaso cheio de vinagre. Puseram, pois, numa cana de hissopo uma esponja ensopada de vinagre, e lha chegaram à boca.*

Vejamos ainda o que Tim Hegg nos diz relativamente a estes elementos na sua série de Parashot[27]:

> *"...a adição da madeira de cedro, hissopo e tecido escarlate atirados para a fogueira são todos simbólicos de purificação. A madeira de cedro é aromática e fala-nos do 'cheiro suave' que é usado para descrever outras ofertas. Que a oferta é um cheiro suave para HaShem[28] simboliza a Sua total aceitação dela... Hissopo era usado como símbolo de purificação (cf.Salmo 51:7). Foi usado como 'pincel' para aplicar o sangue nas ombreiras das portas na Pesach[29], e é usado também para a purificação do 'tzar'at', o que tem um problema de pele (Lev.14:4-6). O tecido escarlate simboliza a escolha dos bodes no Yom Kippur, um para ser sacrificado e o outro para ser solto no deserto. Um tecido escarlate era atado em torno do pescoço do bode expiatório (l'azzazel)... Assim, em cada caso, a aplicação destes símbolos ao fogo revelava que a morte da Bezerra Vermelha alcançava a purificação para aqueles que estavam contaminados pela morte, e que Deus, o Deus dos vivos, lhes daria a vida em troca da morte do animal sacrificial."* (Hegg, Tim – Parashah 114 – Números 19:1-20:13 – Tradução Livre)

Mas existe ainda em todo este ritual um aparente e muito interessante paradoxo. Note-se que, aquando do sacrifício da bezerra vermelha, todos os que, estando num estado de pureza ritual, tocarem as suas cinzas ficam impuros. No entanto, alguém que já estivesse impuro, fica puro.

> **Números 19:7**
> *7Então o sacerdote lavará as suas vestes e banhará o seu corpo em água; depois entrará no arraial; e o sacerdote será imundo até a tarde.*

[27] Divisão da Torá em porções com a finalidade de serem lidas e estudadas em um ano ou em três anos, dependendo do ciclo usado. Neste caso trata-se do ciclo trienal.
[28] Significa 'O Nome' e é usado por judeus e alguns crentes em Yeshua para evitar pronunciar o Nome de Deus – o Tetragrama – que crêem ser inefável.
[29] Páscoa

Números 19:8
Também o que a tiver queimado lavará as suas vestes e banhará o seu corpo em água, e será imundo até a tarde.

Números 19:10
E o que recolher a cinza da novilha lavará as suas vestes e será imundo até a tarde...

Números 19:19
Também o limpo, ao terceiro dia e ao sétimo dia, a espargirá sobre o imundo, e ao sétimo dia o purificará; e o que era imundo lavará as suas vestes, e se banhará em água, e à tarde será limpo.

Este é, diga-se, o único de todos os sacrifícios que torna o Sumo-Sacerdote impuro. Isto significa que o próprio Sumo-Sacerdote levaria sobre si a impureza da contaminação da morte, algo que uma vez mais, muito claramente aponta para Yeshua, o nosso Sumo-Sacerdote que levou sobre si o castigo que a nós pertencia.

Paulo explica este paradoxo também na pessoa do Messias, da seguinte forma:

2Coríntios 5:21
Àquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.

Finalmente, um outro aspecto muito interessante desta cerimónia tem a ver com a aplicação das cinzas da bezerra ao terceiro e ao sétimo dias.

Números 19:12
Ao terceiro dia o mesmo se purificará com aquela água, e ao sétimo dia se tornará limpo; mas, se ao terceiro dia não se purificar, não se tornará limpo ao sétimo dia.

Números 19:19
Também o limpo, ao terceiro dia e ao sétimo dia, a espargirá sobre o imundo, e ao sétimo dia o purificará; e o que era imundo lavará as suas vestes, e se banhará em água, e à tarde será limpo.

O terceiro dia é uma clara referência à ressurreição de Yeshua. É essa ressurreição que corrobora o sacrifício de Yeshua como o do verdadeiro Cordeiro que tira o pecado do mundo. É por isso que o imundo ou impuro se banhava com águas vivas ao terceiro dia.

Mateus 16:21
...era necessário que ele [Yeshua] fosse a Jerusalém, que padecesse muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas, que fosse morto, e que ao terceiro dia ressuscitasse.

Mateus 17:23
e matá-lo-ão, e ao terceiro dia ressurgirá...

Mateus 20:19
e o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem e crucifiquem; e ao terceiro dia ressuscitará.

Esta purificação com águas vivas que ocorria ao terceiro dia pode ser equacionada com o nosso baptismo na morte e ressurreição de Yeshua.

Romanos 6:3-4
Ou, porventura, ignorais que todos quantos fomos baptizados no Messias Yeshua fomos baptizados na sua morte? (11) Fomos, pois, sepultados com ele pelo baptismo na morte, para que, como o Messias foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.

No entanto, só era verdadeiramente vivificado, i.e., só recebia a vida ao sétimo dia. O mesmo se diz de todos os que são baptizados na morte e ressurreição de Yeshua, pois só verdadeiramente recebem a vida aquando do seu regresso no sétimo dia ou sétimo milénio. Assim, todos os que morrem e ressuscitam com o Messias ao terceiro dia (simbolicamente através do baptismo), num estado de imundícia (pecado), serão declarados limpos ao sétimo dia (milénio) no Seu Reino.

Na realidade, se entendermos que todos os rituais instituídos por Deus através de Moisés são imagens visíveis para a nossa instrução e entendimento que declaram a natureza de YHWH e a provisão que Ele instituiu para o Seu povo – Yeshua – entenderemos muitos dos mistérios das Escrituras.

Note-se que Yeshua, na sua morte, cumpre todos os requisitos. Também ele é sacrificado fora do arraial (e já vimos que isto implica a cerca de 1 Km a oriente do mesmo para não profanar o Templo), ou seja, perante YHWH, defronte do Templo, na encosta do Monte das Oliveiras, na mesma zona onde se situava o Altar Mifcad onde era sacrificada a bezerra vermelha.

Que este significado era bem conhecido dos crentes do Séc.I da nossa era, está bem patente na Epístola de Barnabé, uma obra apócrifa de finais do primeiro século, que afirma categoricamente:

> *"A bezerra é Yeshua: os pecadores que a ofereciam são os que o conduziram à morte."* (Carta de Barnabé 8:2 – Tradução Livre)

Esta mesma obra apócrifa refere ainda um aspecto muito interessante, ao relatar que, aquando do sacrifício da bezerra vermelha, os sacerdotes atavam um pedaço de tecido vermelho a uma árvore próxima. Este acto reveste-se de

particular significado quando comparado à forma como Yeshua morreu pois existem indícios muito fortes e há mesmo muitos académicos que defendem que Ele teria sido crucificado numa árvore, transportando apenas a trave horizontal que seria pregada à árvore, e não num poste[30]. A ser verdadeiro o relato que encontramos na Epístola de Barnabé, arriscaríamos defender que a árvore poderia até ser a mesma.

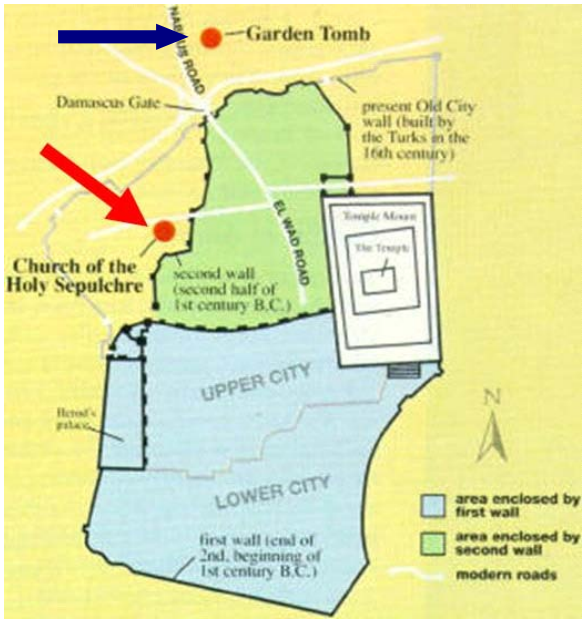
Um outro aspecto já mencionado atrás é que não podia ser o Sumo-Sacerdote a sacrificar a bezerra vermelha. Isto faz todo o sentido se pensarmos que ela representava o Messias, o nosso Sumo-Sacerdote.

Recorrendo novamente à obra "*Secrets of Golgotha*" de Ernest L. Martin, diz ele, referindo-se à passagem de Hebreus que acabámos de reproduzir:

> "*Foi este altar fora do arraial que se tornou um altar importante para os cristãos, ao qual se esperava que recorressem para obter o perdão dos pecados. Porquê este altar em particular? Porque os sacrifícios deste altar eram os principais que lidavam com os pecados de Israel e prefiguravam precisamente o que Cristo viria a fazer pela humanidade na sua crucificação.*" (Martin, *Secrets of Golgotha*, pág.29 – Tradução livre)

O Gólgota - Parte I

Obrigatoriamente então, por tudo o que já vimos, os dois locais tradicionalmente indicados como o local da Caveira ou Gólgota, onde Yeshua teria sido crucificado terão de ser imediatamente desqualificados pois ficam nas traseiras do Templo e não perante a face de YHWH. Nem tão pouco ficam fora do arraial, i.e., a mais de 2000 cúbitos de distância do Templo.[31]

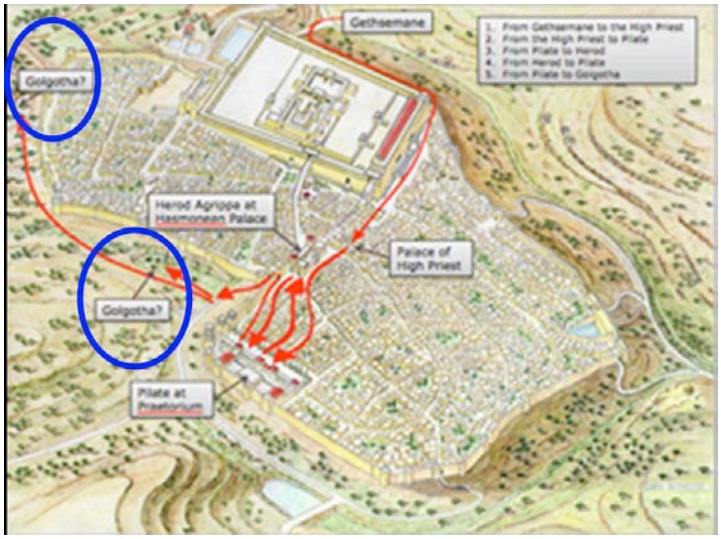


A seta vermelha na figura ao lado indica a localização da Igreja do Santo Sepulcro, a localização defendida pela Igreja Católica como sendo o local provável da caveira, ou Gólgota, onde Yeshua teria sido crucificado. Como se pode ver fica nas costas de YHWH, ou seja, precisamente nas traseiras do Seu Templo, e não diante de YHWH, como seria requerido se Ele fosse de facto o nosso sacrifício pelos pecados.

[30] Ver Anexo C.
[31] Acerca da eleição destes dois locais como o local da crucificação de Yeshua ver o Anexo A deste trabalho.

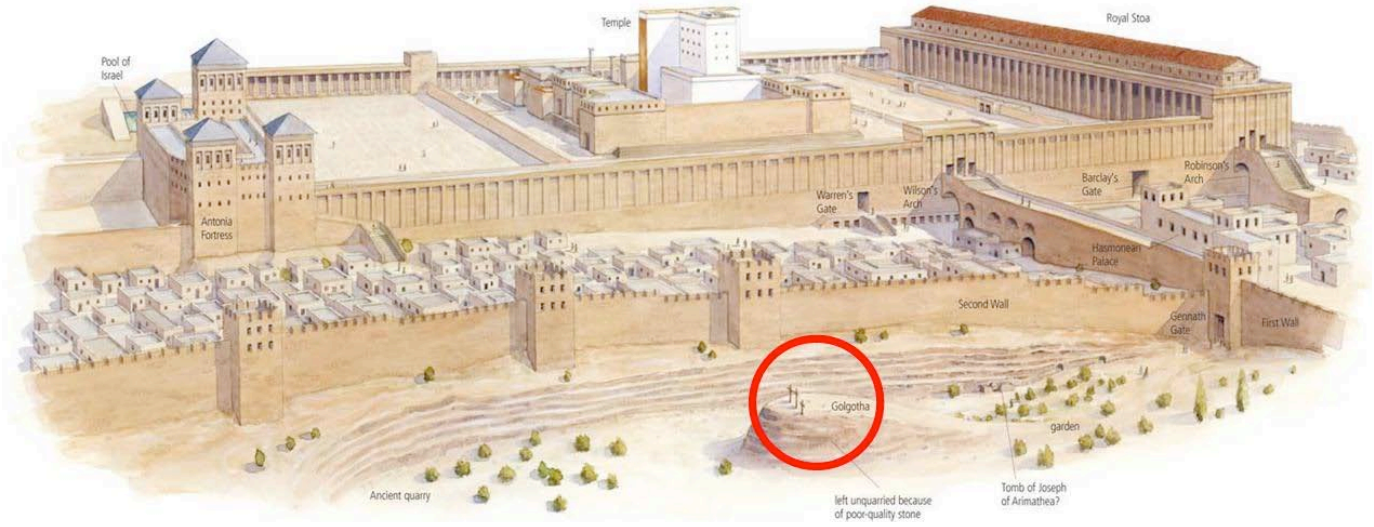
A seta azul indica o outro local tradicionalmente indicado como o local da caveira, diante do Portão de Damasco a norte da cidade e também bastante longe de estar diante do Templo de YHWH (representado nesta imagem pelo rectângulo branco interior). Diga-se de passagem que esta localização passou a ser defendida apenas a partir do século XIX devido ao facto de se tratar de um penhasco cuja face rochosa se assemelha a uma caveira.

A imagem ao lado, apesar da sua má definição, permite perceber também que nenhum dos locais tradicionalmente designados por Gólgota (dentro dos círculos azuis) ficam "perante YHWH", sendo que um deles – o mais tradicional e defendido pela Igreja Católica – fica precisamente nas traseiras do Templo, ou seja, nas Suas costas.



Na imagem abaixo podemos ver, de novo, a mais tradicional destas localizações do Gólgota (dentro do círculo vermelho) e onde mais tarde se construiria a Igreja do Santo Sepulcro nas traseiras no Templo, algo que desqualificaria o Seu sacrifício por não ser "*lifnei YHWH*" i.e., diante de YHWH, mas sim nas Suas costas.

Nenhum destes dois locais fica "perante YHWH", i.e. a oriente do Templo. Um fica a Ocidente (nas costas) e outro a noroeste. Adicionalmente, nenhum fica fora do arraial pois ambos ficam a menos de 2000 cúbitos do Templo.



Que dizer então deste local chamado Gólgota? Vejamos as passagens que o referem:

> **Mateus 27:33**
> *Quando chegaram ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer, lugar da Caveira,*
>
> **Marcos 15:22**
> *Levaram-no, pois, ao lugar do Gólgota, que quer dizer, lugar da Caveira.*
>
> **Lucas 23:33**
> *Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, a ele e também aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.*
>
> **João 19:17**
> *Tomaram, pois, a Yeshua; e ele, carregando a sua própria cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota,*

Como poderemos nós entender e situar correctamente este local chamado Gólgota na Jerusalém actual?

A explicação mais tradicionalmente aceite para a localização do Gólgota tem a ver com uma alegada tradição oral judaica que nos é relatada pela primeira vez por Orígenes (c.185 - 254 d.C.):

> *"A respeito do lugar da caveira, foi-me transmitido que os Hebreus alegam que o corpo de Adão ali foi enterrado."*

Em abono da verdade diga-se no entanto que apenas a versão grega deste texto refere a origem da tradição como sendo hebraica. A versão latina deste mesmo texto refere apenas uma tradição sem especificar se se tratava de uma tradição judaica ou cristã:

> *"Recebi uma tradição segundo a qual o corpo de Adão, o primeiro homem, estava enterrado no local onde Cristo foi crucificado."* (idem, versão latina)

Diga-se também que não é hoje conhecida qualquer tradição judaica segundo a qual Adão estaria enterrado no Monte das Oliveiras. Existem tradições judaicas que colocam a sua sepultura na gruta dos patriarcas em Hebrom (a posição maioritária) bem como debaixo da pedra da fundação do mundo no Monte Moriá (diga-se de passagem, algo muito pouco provável pois isso colocaria a sua sepultura dentro do Santo dos Santos do Templo).

Seja como for, a partir do momento em que Orígenes disse o que disse, tal ideia espalhou-se como fogo de palha num dia de vento. Vários autores cristãos

posteriores[32] aludem a essa tradição. No entanto, esta explicação tem também e desde muito cedo os seus detractores. Jerónimo, por exemplo, defende, e ao que tudo indica correctamente, que os judeus não têm tal tradição.

A ser verdade que essa tradição de facto existia ao tempo de Yeshua, é perfeitamente plausível que, para a população de Jerusalém daquele tempo, aquele local fosse conhecido como o local da caveira, i.e. o local onde estaria enterrada a caveira de Adão. Se assim for, o Gólgota nada teria a ver com a configuração física do local, mas sim com o facto de ser o local da sepultura de Adão.

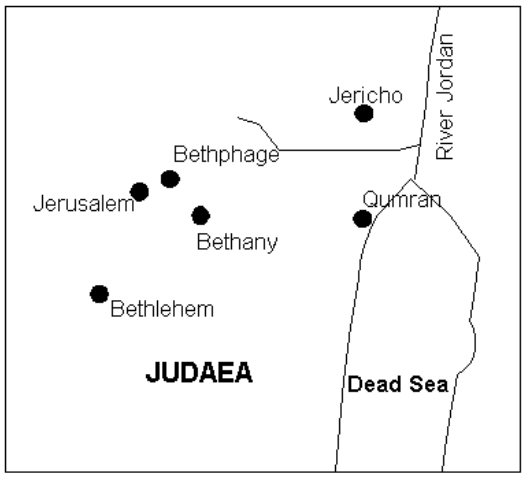
Admita-se no entanto, que esta explicação, apesar da sua antiguidade, parece altamente questionável. Existe uma outra explicação, na opinião do autor bem mais plausível, mas que nos obriga em primeiro lugar a estudar a…

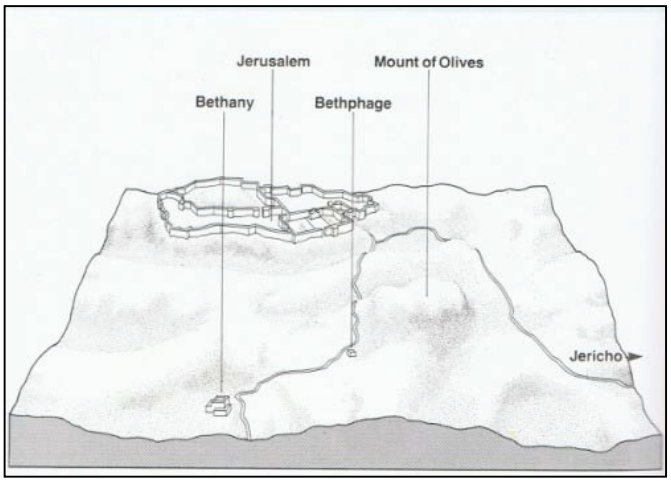
Aldeia de Betfagé

> **Marcos 11:1**
> *Ora, **quando se aproximavam de Jerusalém, de Betfagé e de Betânia, junto do Monte das Oliveiras**, enviou Yeshua dois dos seus discípulos*
>
> **Mateus 21:1**
> ***Quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras**, enviou Yeshua dois discípulos…*
>
> **Lucas 19:29**
> ***Ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto do monte que se chama das Oliveiras**, enviou dois dos discípulos,*

Apesar de hoje não se saber com exactidão onde ficava a aldeia de Betfagé cujas únicas referências em toda a Bíblia são nas três passagens acima transcritas mas que é mencionada com frequência noutros escritos da época, nomeadamente no Talmude, tem-se apesar de tudo uma ideia mais ou menos precisa. Estima-se que ficava a noroeste de Betânia (da qual se conhece a localização exacta) e cerca de 2000 cúbitos – a distância de um Sábado – i.e. a cerca de 1Km a oriente de Jerusalém (ver mapas abaixo em inglês, onde Betfagé aparece como "Bethphage" e Betânia como "Bethany").

[32] Autores como Atanásio de Alexandria, Epifânio de Salamis, Basílio de Cesareia, Agostinho, João Crisóstomo, entre outros.





Em que é que isto nos é relevante? Na realidade, em muito!

O Sinédrio a que já aludimos atrás estava sedeado em duas localizações. A mais conhecida era no complexo do Templo, porém a segunda localização situava-se na aldeia de Betfagé, uma aldeia de levitas situada no Monte das Oliveiras, defronte do Templo. Coincidência?

Esta aldeia era considerada parte integrante da cidade de Jerusalém e era neste tribunal de Betfagé que o Sinédrio tomava determinadas decisões, nomeadamente sobre quais os limites precisos da cidade de Jerusalém, os regulamentos acerca do sacrifício da bezerra vermelha no Dia da Expiação no altar Mifcad (no Monte das Oliveiras defronte do Templo – não muito longe portanto de Betfagé), decisões sobre execuções, etc. Era também aqui que se guardavam os recenseamentos do povo bem como os livros de Esdras, Neemias e Crónicas[33] pois continham as linhagens do povo de Israel[34].

Apesar de ser uma aldeia autónoma, Betfagé era considerada parte integrante da cidade de Jerusalém e constituía o limite oficial da cidade a oriente. Para todos os efeitos Betfagé era a entrada oriental em Jerusalém – a sua porta oriental. Que se conheça, não havia no entanto um portão físico. Este era também o motivo pelo qual o tribunal do Sinédrio que decidia, entre outras coisas, sobre sentenças de morte, estava instalado em Betfagé e não na sua localização principal no Templo. Isto porque tais juízos, nas cidades israelitas deveriam ser realizados "às portas" das cidades.

> **Provérbios 31:23**
> *…Conhece-se o seu marido **nas portas**, quando se assenta entre os anciãos da terra.*

[33] Para além destes era também aqui guardado o livro de Daniel mas por outros motivos. Considerava-se que um escrito bíblico era sempre acompanhado pelo seu autor como se ainda estivesse vivo (mesmo que estivesse morto). Ora como se considera que Daniel era um eunuco (Isaías 39:6-7; Daniel 1:3-7) isso vedar-lhe-ia o acesso ao recinto do Templo. Por esse motivo o seu rolo era guardado em Betfagé, fora do "arraial".
[34] Ver Talmude Bab.Sinédrio 14a-b; Sota 44b, 45a.

Zacarias 8:16
…Falai a verdade cada um com o seu próximo; ***executai juízo de verdade e de paz nas vossas portas****.*

É por este motivo que o tribunal do Sinédrio responsável por determinar os limites da cidade de Jerusalém, por sentenças de morte, por recenseamentos da população e por determinar quem era ou não um israelita por forma a permitir ou recusar o seu acesso ao "arraial" e muito particularmente ao Templo[35], estava situado em Betfagé, ou seja, "às portas" da cidade. É até possível que toda a aldeia, que era uma aldeia levítica, tenha sido construída com esse fim em vista.

Já atrás dissemos que o termo hebraico '*Mifcad*' (como em Altar Mifcad) significa 'ordenado ou designado'. Mas o seu significa não se fica por aqui. Vejamos o que diz Strong a respeito desta palavra:

> *"Mifcad (H4662) - um encontro, i.e., um mandato; concretamente um local designado; especificamente* ***um recenseamento****: local designado, mandamento, número."* (Tradução livre)

Vejamos ainda as seguintes passagens:

2Samuel 24:9
Joabe, pois, deu ao rei o resultado da ***numeração*** *do povo. E havia em Israel oitocentos mil homens valorosos, que arrancavam da espada; e os homens de Judá eram quinhentos mil.*

1Crónicas 21:5
E Joabe deu a David o resultado da ***numeração*** *do povo. E era todo o Israel um milhão e cem mil homens que arrancavam da espada; e de Judá quatrocentos e setenta mil homens que arrancavam da espada.*

Em ambos estes casos, a palavra traduzida por "numeração" é a palavra hebraica "*mifcad*".

Então vejamos, quer o altar Mifcad, quer a aldeia de Betfagé ficavam situadas 2000 cúbitos a oriente de Jerusalém. Isto faz pressupor, como aliás já vimos que o Altar Mifcad ficaria situado nas imediações de Betfagé. O facto do Sinédrio situado em Betfagé ser responsável, como já vimos, por determinar os regulamentos acerca do sacrifício da bezerra vermelha no altar Mifcad, parece corroborar esta ideia.

[35] É por esse motivo que os livros de Esdras, Neemias e Crónicas eram guardados em Betfagé, pois eles continham as linhagens dos israelitas e eram usados para determinar quem fazia ou não parte do povo, quem era ou não um levita, um sacerdote, etc. Não faria sentido que esta verificação fosse feita já dentro do complexo do Templo onde se situava a sede principal do Sinédrio. Não faria sentido que alguém que não tivesse certezas da sua linhagem tivesse de entrar na área restrita do Templo para a verificar. Esta verificação era feita "às portas" do "arraial" ou da cidade.

Mas há mais… O Sinédrio de Betfagé era responsável, como já vimos também, pelos recenseamentos da população. E que significa a palavra '*Mifcad*'? Como vimos acima, significa muito especificamente, 'recenseamento'.

Não é assim de estranhar que os recenseamentos da população, conduzidos pelo Sinédrio se realizassem junto ao Altar Mifcad, nas imediações da aldeia, atendendo a que a palavra '*Mifcad*' significa precisamente recenseamento. Ernest L. Martin na sua obra "*The Final Three Books of the Third Division*" diz-nos mesmo:

> "*…o altar em que a bezerra vermelha era reduzida a cinzas chamava-se Altar Mifcad. A palavra Mifcad significa 'numeração' ou 'contagem' (e neste caso significava a contagem de cabeças das pessoas que eram israelitas, primogénitos, levitas ou sacerdotes). Em hebraico a palavra 'cabeça' é 'golgolet'. Na verdade, o local onde estas 'cabeças' eram contadas (ou numeradas) era no Altar Mifcad (Contagem), imediatamente a ocidente da aldeia de Betfagé. Por este motivo, esta região ficou conhecida nos tempos do Novo Testamento, através do grego, Gólgota (onde as cabeças ou crânios das pessoas eram contados em qualquer numeração ou recenseamento em Israel).* (Martin, *The Final Three Books of the Third Division* – Tradução livre)[36]

O Gólgota – Parte II

E tudo começa a encaixar…

Para corroborar ainda mais o que dissemos acima, vejamos o seguinte…

A palavra hebraica '*golgolet*' (a negrito nas seguintes passagens) surge por várias vezes nos Escritos Hebraicos[37] onde assume os seguintes significados:

Crânio/Caveira

> **Juízes 9:53**
> *Nisso uma mulher lançou a pedra superior de um moinho sobre a cabeça de Abimeleque, e quebrou-lhe o* ***crânio****.*

[36] Atendendo a que este Sinédrio de Betfagé era também responsável por sentenças de morte, Ernest L. Martin defende, nesta mesma obra, que Yeshua teria sido conduzido a este Sinédrio de Betfagé para confirmação da sentença de morte, após a qual teria sido crucificado ali ao lado, nas imediações do Altar Mifcad. Não confundir no entanto esta possível ocorrência com o seu julgamento pelo Sinédrio relatado nos evangelhos que teria tido lugar nas instalações principais do Sinédrio no complexo do Templo.
[37] Vulgo Antigo Testamento.

2Reis 9:35
*Foram, pois, para a sepultar; porém não acharam dela senão a **caveira**, os pés e as palmas das mãos.*

1Crónicas 10:10
*Puseram as armas dele na casa de seus deuses, e pregaram-lhe a **cabeça** na casa de Dagom.*

Cabeça/Registo (no sentido de contagem de cabeças - recenseamento)

Êxodo 16:16
*…um gômer para cada **cabeça**, segundo o número de pessoas…*

Êxodo 38:26
*um beca para cada **cabeça** …da idade de vinte anos e acima, que foram seiscentos e três mil quinhentos e cinquenta.*

Números 1:2
*Tomai a soma de toda a congregação dos filhos de Israel, segundo as suas famílias, segundo as casas de seus pais, conforme o número dos nomes de todo homem, **cabeça por cabeça**;*

Números 1:18
*e, tendo ajuntado toda a congregação… declararam a linhagem deles segundo as suas famílias, segundo as casas de seus pais, conforme o número dos nomes dos de vinte anos para cima, **cabeça por cabeça**;*

Números 1:20
*Os filhos de Rúben …as suas gerações, pelas suas famílias, segundo as casas de seus pais, conforme o número dos nomes, **cabeça por cabeça**, todo homem de vinte anos para cima, todos os que podiam sair à guerra,*

Números 1:22
*Dos filhos de Simeão, as suas gerações, pelas suas famílias, segundo as casas de seus pais, conforme o número dos nomes, **cabeça por cabeça**, todo homem de vinte anos para cima, todos os que podiam sair à guerra,*

Números 3:47
*receberás por **cabeça** cinco siclos; conforme o siclo do santuário os receberás…*

1Crónicas 23:3
*Foram contados os levitas de trinta anos para cima; e foi o número deles, segundo o seu **registo**, trinta e oito mil homens.*

> **1Crónicas 23:24**
> *Esses são os filhos de Levi segundo as suas casas paternas… conforme o número dos que foram **registados** pelos seus nomes, individualmente, da idade de vinte anos para cima…*

Assim, das 12 ocorrências da palavra '*golgolet*' nas Sagradas Escrituras, apenas 3 delas se referem a crânio ou caveira. Todas as demais (9) têm o sentido de recenseamento.

Faz portanto todo o sentido que o local do Altar Mifcad (contagem) situado junto à aldeia de Betfagé onde se situava o Sinédrio responsável pelos recenseamentos fosse também conhecido por '*golgolet*' (em grego '*gólgota*') ou seja, local da contagem ou do recenseamento.

Assim sendo, temos mais um forte indício da localização exacta do local do Gólgota onde Yeshua foi executado. Ele seria, uma vez mais, junto ao Altar Mifcad, fora do arraial, i.e., 2000 cúbitos a oriente do Templo, perante a face de YHWH.

O Rasgar do Véu

Mas há mais indícios nas Escrituras que nos apontam para o local correcto da crucificação. Um destes é o habitualmente mal entendido episódio do rasgar do véu aquando da morte de Yeshua.

Habitualmente e sem que nada aponte nesse sentido é assumido pela generalidade do mundo cristão que o véu que se rasgou nesta altura foi o véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo ou Santo dos Santos. De facto, as Escrituras frequentemente referem esse véu mas neste caso em particular, uma análise mais cuidada dos relatos dos evangelhos demonstrará que não é esse o véu em causa.

Referindo-se ao segundo Templo, o historiador Flávio Josefo, deixou-nos esta descrição das portas exteriores do Templo:

> "…*portas douradas de cinquenta e cinco cúbitos de altura e dezasseis de largura*[38]*; mas **diante destas portas estava um véu** de tamanho idêntico ao das portas.*" (Josefo, *Guerras dos Judeus* – Tradução Livre)

Assim sendo, torna-se bem claro que havia um véu de proporções gigantescas que cobria as portas exteriores do Templo. Por sinal o véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo no Templo de Herodes era um véu duplo com um espaço de um cúbito (cerca de 50cm) entre si. Não se tratava de um véu mas sim de dois, portanto.

[38] Corresponde a portas com cerca 27,5m de altura por 8m de largura. Gigantescas, portanto.

Referindo-se ao Tabernáculo, o autor da carta aos Hebreus refere-se a este véu como o segundo véu o que necessariamente nos faz concluir que haveria um primeiro:

> **Hebreus 9:3**
> *mas depois do segundo véu estava a tenda que se chama o santo dos santos,*

Mas vejamos agora o relato bíblico deste acontecimento:

> **Lucas 23:44-49**
> *Era já quase a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até a hora nona, pois o sol se escurecera; (45)* ***e rasgou-se ao meio o véu do santuário****. (46) Yeshua, clamando com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isso, expirou. (47)* ***Quando o centurião viu o que acontecera****, deu glória a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo. (48) E todas as multidões que presenciaram este espectáculo,* ***vendo o que havia acontecido****, voltaram batendo no peito. (49) Entretanto, todos os conhecidos de Yeshua, e as mulheres que o haviam seguido desde a Galileia, estavam de longe* ***vendo estas coisas****.*

O que é que levou o centurião ali presente a louvar a Deus? O que é que fez com que a multidão voltasse para casa batendo no peito[39]? A morte de Yeshua? Obviamente que não, pois esse era o resultado que se esperava. Um eclipse? Talvez, mas note-se que há mais um fenómeno que é relatado a par com as trevas – o rasgar do véu.

Vejamos agora o relato de Mateus:

> **Mateus 27:50-54**
> *De novo bradou Yeshua com grande voz, e entregou o espírito. (51)* ***E eis*** *que* ***o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo****; a terra tremeu, as pedras se fenderam, (52) os sepulcros se abriram, e muitos corpos de santos que tinham dormido foram ressuscitados; (53) e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele[40], entraram na cidade santa, e apareceram a muitos. (54) ora, o centurião e os que com ele guardavam Yeshua,* ***vendo o terramoto e as coisas que aconteciam****, tiveram grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era filho de Deus.*

Que foi que fez com que o centurião e demais pessoas temessem? Resposta: "…o *terramoto e as coisas que aconteciam*". Ora, para além do terramoto que outras coisas eram estas? De acordo com Mateus apenas sobra uma – o rasgar do véu.

[39] Na cultura hebraica, um sinal de humilhação e arrependimento.
[40] Note-se que contrariamente ao que também habitualmente se pensa, a ressurreição dos mortos ocorre apenas após a ressurreição de Yeshua, três dias e três noites depois. Isso exclui este evento como sendo uma das coisas que o centurião e demais presentes testemunharam.

Note-se que qualquer dos relatos deixa bem claro que estes eventos foram vistos pelos presentes. O termo traduzido por "*E eis que*" no versículo 51 é a palavra grega ιδού (idou) que significa "ter à vista".

O relato de Marcos esclarece ainda mais:

> **Marcos 15:37-39**
> *Mas Yeshua, dando um grande brado, expirou. (38) Então* ***o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo****. (39) Ora, o centurião, que estava defronte dele,* ***vendo-o assim expirar****, disse: Verdadeiramente este homem era filho de Deus.*

O que há assim de tão dramático acerca de um homem crucificado, no auge do seu sofrimento, expirar com um grande brado, que leve um militar, habituado a este tipo de coisas a concluir que ele era de facto o filho de Deus? Obviamente nada. No entanto Marcos diz-nos que o facto de o centurião o ver expirar **'ASSIM'** o levou a tal conclusão. Analisando a passagem, apenas uma coisa sobressai como sendo fora do vulgar – o rasgar do véu. O centurião certamente testemunhou que Yeshua rendeu o espírito ao mesmo tempo que o véu se rasgou.

Todos estes relatos são bem claros quanto ao facto de todos os presentes terem testemunhado visivelmente o rasgar do véu. Isto implica que se tratava do véu exterior do templo que cobria as duas grandes portas exteriores e não um dos dois véus interiores que separavam o Lugar Santo do Lugar Santíssimo. Caso tivesse sido um desses a rasgar-se isso seria visível apenas aos sacerdotes que estivessem de serviço nessa altura e não ao público em geral. Nunca um centurião romano poderia testemunhar tal coisa.

Mas há mais. A frente do Templo estando virada a Oriente, sobre o vale de Cedrom, existe apenas um local em toda a cidade de Jerusalém de onde se poderia testemunhar o rasgar do véu – a encosta do Monte das Oliveiras, imediatamente defronte do Templo e fora do arraial, junto ao altar Mifcad.

Vejamos o que nos diz a Mishna referindo-se às muralhas que rodeavam o Templo:

> "*…as paredes eram altas* ***excepto a parede oriental****, porque o sacerdote que queima a bezerra [vermelha] e que está de pé* ***no topo do Monte das Oliveiras, tem de ser capaz de olhar directamente para a entrada do Santuário*** *quando o sangue é aspergido.*" (Mishna, Midote 2:4 – Tradução Livre)

Claramente então, de acordo com a Mishna, era possível, a partir do Monte das Oliveiras a Oriente ter a entrada do Templo em plena vista e consequentemente o véu que cobria as suas portas exteriores.

A este respeito vejamos ainda o que nos diz o respeitado Alfred Edersheim na sua obra *"The Temple"*(O Templo) a respeito do sacrifício da novilha vermelha. Após descrever a passagem da procissão pelo portão oriental do Templo e sobre a ponte de arcos duplos sobre o vale de Cedrom, Edersheim diz-nos o seguinte:

> *"**No Monte das Oliveiras**, esperavam já os anciãos de Israel. Primeiro, o sacerdote imergia todo o seu corpo e depois aproximava-se da pilha de madeira de cedro, pinheiro e figueira que estava amontoada como uma pirâmide, mas tendo **uma abertura orientada a ocidente**. Para esta abertura era conduzida a bezerra vermelha e, atada com a sua cabeça para sul e **a sua face para o ocidente**[41]. O sacerdote estava de pé a oriente do sacrifício, **a sua face, claro está, também virada a ocidente**. Matando o sacrifício com a sua mão direita, ele apanhava o sangue com a sua esquerda. Sete vezes ele mergulhava nele o seu dedo, aspergindo-o **em direcção ao Lugar Santíssimo, que ele era suposto ter em plena vista sobre o pórtico de Salomão ou através do Portão Oriental**."* (Edersheim, *The Temple*, págs. 352-353 – Tradução Livre)

Uma vez mais constatamos ser a encosta do Monte das Oliveiras, situada a oriente da frente do Templo, o único local dos arredores de Jerusalém de onde seria possível avistar a entrada do Templo. Assim, se o centurião e demais presentes testemunharam o rasgar do véu, eles teriam de estar necessariamente, muito próximos do local do sacrifício da bezerra vermelha – o local limpo, fora das portas e 2000 cúbitos a oriente do Templo – i.e. na referida encosta do Monte das Oliveiras, muito próximo do seu topo.

As palavras do autor da carta aos Hebreus assumem assim um significado muito mais geograficamente visível e literal na nossa mente:

> **Hebreus 13:10-13**
> Temos um altar, do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo. (11) Porque os corpos dos animais, cujo sangue é trazido para dentro do santo lugar pelo sumo sacerdote como oferta pelo pecado, são queimados **fora do arraial**. (12) **Por isso também Yeshua**, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, **sofreu fora da porta**. (13) **Saiamos pois a ele fora do arraial**, levando o seu opróbrio.

Para simbolicamente sairmos a ele fora do arraial, i.e. para reproduzirmos o seu trajecto naquele dia, isso passa, não por reproduzir a chamada Via Dolorosa, um trajecto perfeitamente fictício e que, a ser verdadeiro, desqualificaria Yeshua de ser o nosso Salvador pois conduz às traseiras do Templo, mas sim por passarmos pelo portão oriental do Templo, atravessarmos o vale de Cedrom pela enorme ponte arqueada que sobre ele havia e nos dirigirmos ao Altar Mifcad na encosta ocidental do Monte das Oliveiras, 2000 cúbitos a oriente do Templo. Foi aqui,

[41] Olhando directamente para o Templo que estava a Ocidente. O sacrifício em si era realizado no Monte das Oliveiras a Oriente do Templo.

neste local ou muito próximo dele que o maior e mais excelente sacrifício pelos pecados de todos os tempos, foi oferecido de uma vez para sempre, por Yeshua, quando derramou o seu sangue perante YHWH, Seu Pai.

As Execuções Romanas

Já vimos atrás que o local onde Israel executava penas capitais correspondia precisamente ao mesmo local onde eram incinerados todos os sacrifícios pelos pecados, fossem eles realizados no Templo ou, como no caso da bezerra vermelha, fora do Templo. Vimos também que todas as vítimas de penas capitais eram consideradas elas mesmas como sacrifícios pelos seus próprios pecados, pois sendo eles pecados de extrema gravidade o sangue de nenhum animal seria capaz de os cobrir. Assim, na qualidade de sacrifícios pelos pecados vimos que o local de execução das penas capitais em Jerusalém seria no mesmo local ou muito próximo do Altar Mifcad na encosta ocidental do Monte das Oliveiras, defronte do Templo, e a uma distância superior a 2000 cúbitos do mesmo.

Mas, ao tempo de Yeshua, já os judeus tinham perdido a autoridade que antes tinham de condenar à morte fosse quem fosse e de executar a sentença. A partir do momento em que a Judeia se tornou um protectorado romano, essa autoridade passou para os romanos e daí nós assistirmos nos evangelhos ao empenho extremo das autoridades religiosas de Jerusalém em convencer Pilatos, o governador romano da altura, a condenar e executar Yeshua, alegando para isso que ele se fazia passar por Rei no lugar do imperador, o que, aos olhos dos romanos seria considerado um crime de lesa-majestade, i.e. de traição, punível com a morte.

> **João 18:31; 33-34**
> *Disse-lhes, então, Pilatos: Tomai-o vós, e julgai-o segundo a vossa lei. Disseram-lhe os judeus: A nós não nos é lícito tirar a vida a ninguém… (33) Pilatos, pois, tornou a entrar no pretório, chamou a Yeshua e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus? (34) Respondeu Jesus: Dizes isso de ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim?*
>
> **João 19:15**
> *…Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam, os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César.*

As práticas romanas no que toca à execução de penas capitais obviamente que não eram as mesmas que as dos judeus nem tinham as mesmas preocupações no que toca ao aspecto cerimonial de as considerarem sacrifícios pelos pecados ou de terem de as cumprir perante YHWH. As preocupações romanas eram, ao invés, meramente político-administrativas e destinavam-se a fazer do condenado um espectáculo público para efeitos de dissuasão da população em repetir os mesmos actos.

A prática romana basicamente consistia em crucificar o(s) condenado(s) de acordo com as seguintes regras.

1. No local do seu crime;
2. No local onde fora preso; e,
3. Num local elevado ou num cruzamento ou estrada com movimento.

Ora no que toca ao primeiro aspecto e de acordo com as autoridades romanas da época, tal não se aplicaria uma vez que o próprio Pilatos admite não ver em Yeshua crime algum. Logo, nunca o iriam crucificar no local do seu crime, se não reconheciam nele qualquer crime.

Já os restantes pontos são relevantes. Vejamos, onde foi Yeshua preso?

> **Mateus 26:36**
> *Então foi Yeshua com eles **a um lugar chamado Getsemane**, e disse aos discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar.*

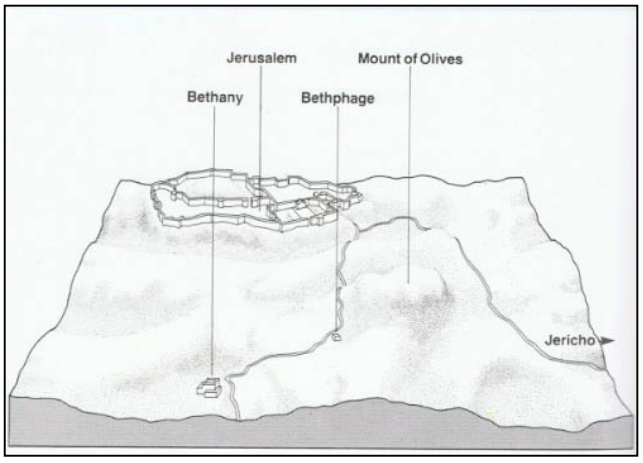
E onde era este local chamado Getsemane?

> **Lucas 22:39**
> *Então saiu e, segundo o seu costume, **foi para o Monte das Oliveiras**; e os discípulos o seguiam.*

> **João 18:1**
> *Tendo Yeshua dito isto, saiu com seus discípulos **para o outro lado do ribeiro de Cedrom**, onde havia um jardim[42], e com eles ali entrou.*

O chamado Jardim de Getsemane era precisamente do outro lado do vale de Cedrom, na encosta do Monte das Oliveiras. Onde foi ele então crucificado? Na encosta do Monte das Oliveiras, próximo do local onde foi preso. Coincide com a prática romana? Sim – e também com a judaica.

A última regra romana para determinar o local da crucificação também foi cumprida. Ele foi executado num local de evidência junto a um cruzamento de estradas que dava entrada em Jerusalém pelo lado oriental. A imagem ao lado revela precisamente esses acessos a Jerusalém.



[42] O termo 'jardim' não se refere a um jardim no sentido actual do termo, mas sim a um pomar, ou seja um local onde haveria árvores de fruto. Considerando que o Jardim de Getsemane ficava situado no Monte das Oliveiras, pelo nome do monte, esse pomar seria provavelmente um olival.

Duas das principais estradas que davam acesso a Jerusalém pelo lado oriental – a estrada que vinha de Betânia e a estrada que vinha de Jericó – cruzavam precisamente defronte do Templo na encosta do Monte das Oliveiras, como se vê na imagem acima.

Agora imaginemos a cena. É o dia do sacrifício da Páscoa. Todos os acessos a Jerusalém, e particularmente este que conduzia directamente ao Portão Oriental do Templo estariam completamente entupidos de gente proveniente de todo o país e até do estrangeiro, transportando os seus cordeiros para serem sacrificados no Templo. Um número incalculável de pessoas levando os seus cordeiros para o sacrifício teriam passado diante do verdadeiro "*Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*" na hora do seu sacrifício, sem se aperceberem de quem ele era na realidade. Os próprios cordeiros que o representavam teriam passado diante dele na estrada.

Yeshua cumpriu não apenas os requisitos da Torá e das autoridades religiosas judaicas do seu tempo, como inclusivé os requisitos romanos[43] que uma vez mais se conciliaram com todos os demais num cumprimento incrível do maior e mais excelente e único sacrifício pelo pecado de toda a história.

Conclusão

Todos os indícios que analisámos neste trabalho são unânimes em apontar para a encosta ocidental do Monte das Oliveiras, próximo do seu cume e frontal ao Templo, como o local da crucificação de Yeshua. Um mero entendimento, ainda que superficial, do sacrifício da bezerra vermelha seria suficiente para sugerir esse local uma vez que era aí que se situava o Altar Mifcad onde a bezerra era sacrificada. Todos os animais sacrificados pelos pecados da nação eram nesse altar reduzidos a cinzas. O Altar Mifcad tinha assim um papel central na redenção dos pecados de Israel, significado esse grandemente desconhecido e ignorado nos nossos dias. Todos os animais oferecidos em sacrifício pelos pecados de Israel eram, de uma forma ou de outra, sombras do verdadeiro e único sacrifício pelos pecados – Yeshua HaMashiach, ou Yeshua o Messias. Todos estes sacrifícios tinham algo em comum: todos terminavam no Altar Mifcad, fora do arraial, a oriente do Templo e defronte de YHWH.

Seria perfeitamente incoerente que Yeshua no seu sacrifício fosse sacrificado em qualquer outro local que não nas imediações deste altar, na encosta do Monte das Oliveiras, perante o olhar de Seu Pai que, simbolicamente, assistia a tudo do Seu trono no Santo dos Santos, no Templo. Na realidade, sete eventos

[43] Na realidade, e apesar de, como dissemos acima, Pilatos não ver nele mal algum, também podemos considerar que, ao permitir ser recebido como rei pela população quando entrou em Jerusalém por esta mesma estrada vindo de Betânia e Betfagé (Marcos 11:1-10) e junto à qual acabaria por ser crucificado, ele estaria, do ponto de vista romano, a cometer traição. Nesta óptica também podemos considerar que ele foi crucificado no local onde cometeu o seu crime – a primeira regra romana para determinar o local da execução. No entanto, para ver quem na realidade determinou o local e modo de execução, ver o Anexo C deste trabalho.

significativos na vida de Yeshua decorreram no Monte das Oliveiras: 1) a sua entrada triunfal em Jerusalém; 2) a sua oração no jardim de Getsemane; 3) a sua prisão no mesmo local; 4) a sua crucificação; 5) o seu sepultamento; 6) a sua ressurreição; e finalmente 7) a sua ascensão.

Considerando tudo isto bem como a história relatada no Anexo A deste trabalho, sobre a sequência de eventos que levou a que outros locais fossem hoje considerados como o local da crucificação de Yeshua, vemos que os largos milhares de pessoas que anualmente em Jerusalém se detêm frente à Igreja do Santo Sepulcro ou ao montículo diante do Portão de Damasco, a norte da cidade, olhando contemplativamente para esses locais como o local da crucificação de Yeshua, têm sido, elas próprias, vítimas de um dos grandes logros da história.

Rui Quinta
Lisboa, Janeiro de 2011

ANEXO A – OS GÓLGOTAS ACTUAIS

Hoje em dia, Jerusalém é uma das grandes atracções turísticas de todo o mundo. Tendo a importância que tem para as três principais religiões mundiais – judaísmo, cristianismo e islamismo – não é de estranhar que a ela acorram anualmente muitos milhares, senão mesmo milhões de pessoas.

Desse largos milhares, muitos são cristãos que a ela se deslocam para visitarem os locais por onde Cristo andou e, muito particularmente, o local onde ele foi crucificado e sepultado. Quem quer que visite Jerusalém integrado numa excursão, mais cedo ou mais tarde será levado a dois locais: à Igreja do Santo Sepulcro e/ou a um monte diante do Portão de Damasco. Ambos estes locais são hoje apresentados aos turistas como os locais prováveis da morte de Yeshua.

Para todos os católicos, esse local é indubitável e inquestionavelmente a Igreja do Santo Sepulcro. Para os demais cristãos não católicos, no entanto, esse local será provavelmente o tal monte diante da Porta de Damasco.

Por tudo o que já vimos atrás, é por demais óbvio que nenhum desses locais se qualifica como o local da crucificação. Ambos se encontrariam à data dentro do arraial (i.e. a menos de 2000 cúbitos do Templo), nenhum se encontra a oriente do mesmo, (i.e. nenhum destes locais se encontra diante de YHWH). Na realidade e como já vimos, a Igreja do Santo Sepulcro chega mesmo ao ponto de se encontrar nas costas de YHWH.

Como chegámos então ao actual estado de coisas? A resposta a esta pergunta revela um dos grandes logros da história.

A Gruta de Jeremias

A norte da cidade de Jerusalém, quase em frente à Porta de Damasco e à gruta de Zedequias, existe uma pequena escarpa – ao lado da tradicional gruta de Jeremias[44] – que apresenta uma aparência de caveira por ter dois grandes orifícios paralelos que facilmente podem ser vistos como olhos e um aparente nariz e boca.

Alegadamente a identificação deste local ficou a dever-se ao general britânico Charles Gordon que, em 1882, ao dar uma volta pela cidade, notou a semelhança entre o relevo desta escarpa

[44] Tradicionalmente o local onde o profeta Jeremias escreveu as suas Lamentações. Esta gruta foi associada a Jeremias provavelmente no período das cruzadas. Sabe-se hoje que na realidade, esta gruta nada tem a ver com o profeta.

em particular e as feições de uma caveira.

Antes desta altura não há, qualquer referência a este local como sendo o "local da caveira" ou Gólgota, referido nos evangelhos como o local da crucificação de Yeshua.

Se adicionarmos a isto que na zona circundante, foi encontrado um túmulo escavado na rocha numa zona ajardinada, isto parece corroborar o que o apóstolo João nos diz acerca do local onde Yeshua foi crucificado/sepultado:

> **João 19:41**
> *No lugar onde Jesus foi crucificado havia um jardim, e nesse jardim um sepulcro novo, em que ninguém ainda havia sido posto.*

No entanto, de acordo com um estudo arqueológico publicado na edição de Março/Abril de 1986 da revista "*Biblical Archaeology Review*", este túmulo, bem como outros na mesma zona, datam do século VII a.C. o que significa que foram escavados 700 a 800 anos antes do tempo de Yeshua. Ora, a passagem acima diz-nos claramente que o sepulcro em questão era novo, não tendo ainda sido usado. Este túmulo não pode por isso, ser o túmulo em que Yeshua foi colocado.

Outro factor já sobejamente referido é que, de acordo com o autor da carta aos Hebreus:

> **Hebreus 13:12-13**
> *Por isso também Yeshua, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, **sofreu fora da porta**. (13) Saiamos pois a ele **fora do arraial**, levando o seu opróbrio.*

Este "fora da porta" ou "fora do arraial" era uma referência sobejamente conhecida a qualquer judeu do primeiro século, não só a uma localização em particular (conforme já vimos) como a uma distancia superior a 2000 cúbitos (cerca de 1 km), algo que exclui em absoluto este local pois ele encontra-se bem dentro desse rádio de 2000 cúbitos a partir do Templo.

Diga-se ainda que o relevo desta escarpa que a faz parecer-se com uma caveira é obra da erosão, ou seja, do efeito dos ventos e chuvas ao longo dos anos. Ora tratando-se de pedra calcária, a pedra que compõe esta escarpa é uma pedra macia particularmente sujeita aos efeitos da erosão. Em fotografias mais antigas deste mesmo local note-se que nem sequer parece existir o buraco que, na fotografia acima, representa o nariz.

Como Ernest L. Martin também diz no seu livro *"Secrets of Golgotha":*

> *"Parece evidente que o processo erosivo que criou aquelas "órbitas" únicas só pode ter acontecido desde há 150 a 250 anos atrás. De facto, qualquer pessoa que tenha visitado Jerusalém nos últimos trinta anos (como eu fiz várias vezes) estará bem a par de que a tal aparência de caveira da "Gruta de Jeremias" tem-se deteriorado de tal maneira nesse curto espaço de tempo que poucas semelhanças com uma caveira se lhe reconhecem hoje. A verdade é que o "monte da caveira" é uma criação moderna que nada tem a ver com a geografia existente ao tempo de Jesus."* (Martin, *Secrets of Golgotha*, – Tradução livre)

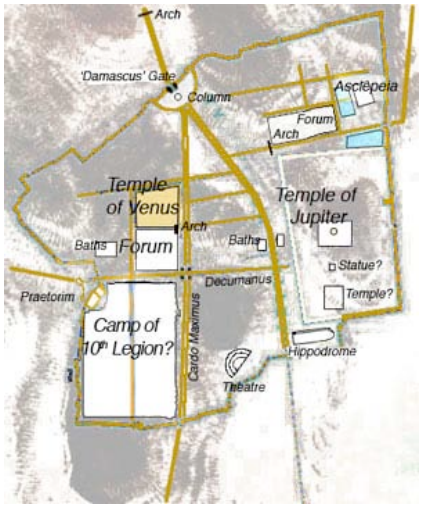
A Igreja do Santo Sepulcro

A história por detrás da eleição do local onde hoje se ergue a Igreja do Santo Sepulcro é ainda mais "engraçada".

Esta tradição surge em meados do Séc. IV d.C., mais concretamente no ano 333 da nossa era quando Helena, mãe do imperador romano Constantino, elege aquele local como o local da crucificação e sepultamento de Yeshua. O que a levou a eleger aquele local em particular tresanda a logro como iremos ver de seguida.

Antes porém de falarmos de Helena e Constantino convém relembrar que no ano 70 da nossa era, o exército romano reduziu Jerusalém a um amontoado de entulho fumegante. Anos mais tarde, em 132 d.C. rebenta a revolta dos judeus contra os romanos que ficou conhecida como a revolta de Bar Kochba e que foi esmagada em 135 d.C. É neste mesmo ano e na sequência desta revolta que os romanos exilam a população judaica e, em 136 d.C. o Imperador Adriano manda

construir uma nova cidade sobre as ruínas de Jerusalém, a que chamou Aelia Capitolina[45].



É de notar portanto que, desde a crucificação até à suposta redescoberta do local, passaram cerca de três séculos. É de notar ainda que durante esses três séculos, Jerusalém esteve reduzida a um monte de escombros, foi local de acantonamento de uma legião romana (o que vedaria naturalmente o acesso ao local fosse a quem fosse) e acabou por ser replaneada e reconstruída de forma completamente diferente.

> *"Jerusalém… foi tão completamente arrasada até ao chão por aqueles que a escavaram até aos seus alicerces, que nada sobrou que pudesse fazer crer àqueles que vieram depois, que alguma vez havia sido habitada."* (Flávio Josefo, Guerras dos Judeus, VII 1,1)

Quando, em 136 d.C. o imperador Adriano manda construir Aelia Capitolina no local da antiga Jerusalém, ele manda também erguer um templo a Júpiter, a divindade suprema do panteão romano, no local onde outrora se erguia o Templo de YHWH e um outro templo a Vénus nas traseiras do Monte do Templo, onde hoje se ergue a chamada Igreja do Santo Sepulcro. E é este último templo a Vénus que nos interessa para esta história. Reza a história que este templo foi mandado erguer sobre um túmulo famoso que ali se encontrava.

Muitos acreditam que o imperador Adriano abominava de tal forma os cristãos que mandou construir um templo a Vénus sobre o local da crucificação e sepultamento de Yeshua, como castigo. A realidade, no entanto, é outra. Adriano nada tinha contra os cristãos mas sim contra os judeus por causa da sua revolta contra Roma, revolta essa em que os cristãos não participaram por recusarem aceitar a figura de Simão bar Kochba, o líder da revolta, como o Messias de Israel. Papel esse que eles atribuíam a Yeshua e a mais ninguém.

Apesar de existirem perseguições aos crentes em Yeshua por parte dos romanos, elas não foram de forma alguma promovidas por Adriano que inclusive as mandou cessar. Embora tal afirmação não seja muito credível, Aelius Lampridius chega mesmo a afirmar que Adriano considerava o Messias um deus e propôs ao Senado em Roma, a edificação de templos em sua honra. O seu tratamento dos judeus, no entanto, foi bastante severo devido às suas constantes insurreições contra Roma.

[45] Que em latim significa *"Cidade do Sol"*. A extrema afronta. A cidade onde Deus pusera o Seu Nome era agora dedicada à divindade suprema do paganismo – o deus sol.

Adicionalmente, que interesse poderia Adriano ter em profanar um local de importância para um, na altura, ainda pequeno movimento de judeus que em nada se lhe haviam oposto?

A ser verdade que ali haveria um túmulo, que túmulo seria esse?

John D.Keyser, no seu artigo *"Just Where in Jerusalém did our Saviour Die?"* avança esta provável resposta:

> *"As obras de Josefo contêm a resposta. Antes da destruição romana de 70 d.C., Josefo visitou esta área de Jerusalém e por* ***quatro vezes*** *mencionou* ***um túmulo significativo****, usando-o como* ***ponto de referência*** *na sua descrição da guerra com os romanos. Este ponto de referência era, nada mais nada menos, que o túmulo de João Hircano, o famoso sumo-sacerdote e governante judaico que reinou de 135 a 104 a.C.! Este líder era profundamente respeitado pela maior parte dos judeus e simbolizava a busca pela libertação judaica dos seus opressores gentios."*
>
> *Na sua profunda aversão aos judeus, que melhor lugar para Adriano profanar com o templo de Vénus, que este?"* (Tradução livre)

E chegamos finalmente a Constantino e sua mãe…

Constantino sobe ao trono do Império Romano no ano 306 d.C. e, por motivos meramente políticos assume oficialmente a religião cristã[46], tornando-a a religião oficial do império. Em 326 d.C. e após ter já mandado executar a sua mulher e o seu filho, este "pio" homem resolve erguer uma igreja no local da morte e ressurreição do Messias em Jerusalém, como forma de expiação pelos pecados contra a sua própria família. De acordo com a história ou lenda, ele é informado numa visão que esse local é o local onde se erguia o templo de Vénus e com o intuito de determinar a exacta localização desse templo, envia sua mãe Helena a Jerusalém.

No artigo já acima referenciado, John D.Keyser, cita Paulinus de Nola que, escrevendo em 403 d.C. numa das suas cartas, descreve o que a seguir se passou:

> *"Ela* [Helena] *ficou ansiosa por obter informação apenas acerca do local da crucificação. Por isso, ela buscou não apenas a cristãos cheios de sabedoria e santidade, mas também aos mais sábios dos judeus para que a informassem… Tendo-os mandado chamar, reuniu-os em Jerusalém. A sua determinação foi fortalecida pelo testemunho unânime de todos acerca do local. Foi então que… ela mandou que escavações fossem*

[46] Na realidade, Constantino continuava a ser profundamente pagão, perpetuando a adoração de deuses solares. A sua pretensa conversão teve objectivos meramente políticos uma vez que, por esta altura, a religião cristã (já profundamente adulterada face à sua pureza inicial) se havia já difundido por todo o império.

> *empreendidas naquele mesmo local.* (Paulinus de Nola, *Carta 31.5* – Tradução livre)

Note-se que tudo isto se passa cerca de 400 anos após os acontecimentos. Relembremos também que durante uma boa parte desses quatro séculos os judeus e cristãos foram expulsos de Jerusalém e que esta fora profundamente arrasada e modificada.

Ao que tudo indica, tudo não passou de um logro por parte dos judeus locais que sabiam perfeitamente de quem era o túmulo que estava por debaixo do templo de Adriano a Vénus.

Ernest L.Martin adianta o que se passou a seguir:

> *"Helena então, mandou os seus assistentes escavar… E, surpreendentemente, eles deparam-se com três cruzes sobrepostas uma sobre a outra. Mas não se ficou por aqui. Próximo, foi encontrada uma tabuleta com as palavras exactas que o Novo Testamento diz que Pilatos colocou sobre a cabeça do Cristo. Também foram encontrados no mesmo local uma esponja e uma cana como as que estão associadas à paixão de Cristo."* (Martin, *Secrets of Golgotha*, págs.127 – Tradução livre)

Aparentemente ninguém se lembrou de questionar o porquê de estas coisas se encontrarem num excelente estado de conservação após estarem enterradas há cerca de 330 anos. Tal, no entanto, bastou para convencer Helena. No que a ela dizia respeito, aquele era o local da crucificação e sepultamento de Yeshua.

John D.Keyser, muito apropriadamente nos diz no seu artigo *"Just Where in Jerusalém did our Saviour Die?"*:

> *"Como resultado… das visões de Constantino e de sua mãe, o mundo cristão tem vindo a adorar há 1664 anos, no túmulo do sumo-sacerdote judaico João Hircano!!*
>
> *Que logro fantástico, que ironia! A última gargalhada pertence na verdade aos judeus!"* (Tradução livre)

Adicionalmente, não só a Igreja do Santo Sepulcro se situa bem dentro do raio de 2000 cúbitos a partir do Templo, como ainda se situa a ocidente deste, i.e., nas suas costas, e não defronte de YHWH, o que a desqualifica de imediato como o local do maior e mais excelente sacrifício pelos pecados da história da humanidade.

Rui Quinta
Lisboa, Janeiro de 2011

ANEXO B – O MONTE DAS OLIVEIRAS[47]

Conforme temos vindo a analisar, o Monte das Oliveiras desempenha um papel central no plano de Deus. Mas há mais…

De acordo com *"The Torah Anthology"*[48], um dos grandes clássicos da literatura judaica, Adão terá construído o primeiro altar sacrificial a YHWH. Este mesmo altar terá sido posteriormente reconstruído por Abel[49], Noé e Abraão. As seguintes passagens bíblicas relatam-nos esse evento:

> **Génesis 8:20**
> ***Edificou*** *Noé um altar ao Senhor; e tomou de todo animal limpo e de toda ave limpa, e ofereceu holocaustos sobre o altar.*

> **Génesis 22:9**
> *Havendo eles chegado ao lugar que Deus lhe dissera,* ***edificou*** *Abraão ali o altar e pôs a lenha em ordem; o amarrou, a Isaque, seu filho, e o deitou sobre o altar em cima da lenha.*

A palavra hebraica traduzida nas passagens acima por "edificou" também pode, de acordo com Strong's e com Brown-Driver-Briggs ser traduzida por "reedificou" ou "reconstruiu". É pois com base neste possível significado da palavra que a tradição judaica afirma tratar-se do mesmo altar construído inicialmente por Adão após a sua expulsão do jardim do Éden e reconstruído posteriormente por Noé e Abraão. É de salientar no entanto que apesar do que diz esta tradição, obviamente que tal não seria verdade no caso de Noé pois o altar que ele construiu seria nas imediações do monte Ararat onde a Arca veio a encalhar e onde saíram da mesma. É, no entanto, perfeitamente possível que isso se tenha passado com Abraão.

Todos conhecemos a história do quase sacrifício de Isaac e de como essa história espelha e prenuncia o sacrifício do Messias muitos séculos mais tarde.

Em Génesis 15, YHWH faz um concerto com Abrão, concerto esse em que lhe promete um herdeiro e também que a sua descendência seria numerosa como as estrelas do céu:

> **Génesis 15:4-5**
> *...Este não será o teu herdeiro; mas aquele que sair das tuas entranhas, esse será o teu herdeiro. (5) Então o levou para fora, e disse: Olha agora para o céu, e conta as estrelas, se as podes contar; e acrescentou-lhe: Assim será a tua descendência.*

[47] O conteúdo deste anexo é em grande medida retirado do artigo "The Mount of Olives in YEHOVAH God's Plan" de John D.Keyser.
[48] Tradução do Rabi Aryeh Kaplan, Vol.1, págs. 287, 375 e Vol.2, pág. 332)
[49] Não existe uma passagem que nos fale de Abel a construir ou reconstruir um altar mas necessariamente que o terá feito pois se tanto ele como o seu irmão Caim ofereceram sacrifícios, necessitariam, obrigatoriamente, de um altar.

Aquele que saiu das entranhas de Abrão como filho da promessa foi, como sabemos, Isaac. Mais tarde Deus muda o nome de Abrão para Abraão que significa "pai de uma multidão de nações".

Mais tarde ainda, já Isaac era, contrariamente ao que se pensa, um homem adulto, de para cima de 30 anos[50], Deus aparece novamente a Abraão e diz-lhe:

> **Génesis 22:2**
> *...Toma agora teu filho; o teu único filho, Isaque, a quem amas; vai à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que te hei de mostrar.*

A grande maioria dos estudiosos assume e defende com base nesta passagem que Abraão teria tentado sacrificar Isaac no Monte Moriá, i.e. no monte hoje designado como Monte do Templo – o mesmo local onde mais tarde Salomão construiria o primeiro Templo a YHWH. Porém, a ser verdade que Isaac foi um tipo do sacrifício do verdadeiro Messias, teria Abraão construído (ou reconstruído) o altar neste local ou no local onde o verdadeiro Messias seria sacrificado muitos séculos mais tarde, i.e., no Monte das Oliveiras?

Note-se que na passagem Deus não diz a Abraão para realizar o sacrifício no Monte Moriá mas sim para se dirigir "*à terra de Moriá*" e, uma vez lá, Deus lhe indicaria sobre qual dos montes ele deveria realizar o sacrifício. A terra de Moriá não é o Monte Moriá. Este é apenas um dos muitos montes que existem na terra de Moriá e, sim, o Monte das Oliveiras é outro. Na realidade o Monte do Templo, pela sua menor altitude é conhecido como Monte Moriá de Baixo enquanto que o Monte das Oliveiras, pela sua maior dimensão, é conhecido como Monte Moriá de Cima.

A posição assumida neste artigo é a de que o sacrifício de Isaac se teria realizado também no Monte das Oliveiras, um dos montes da terra de Moriá, naquela que foi uma representação do sacrifício do Messias muitos séculos mais tarde, exactamente no mesmo local. Deus não faz as coisas ao acaso. Se Deus não estivesse preocupado em revelar, o mais fidedignamente possível, uma cena que teria lugar daí a muito séculos, porque teria ele mandado Abraão dirigir-se especificamente à terra de Moriá? Não poderia Abraão ter realizado o sacrifício

[50] Isaac estava longe de ser a criança que habitualmente vemos desenhada em representações gráficas desta cena. É possível pelo texto determinar uma idade aproximada de 30 anos ou mais. Atendendo à justaposição dos relatos do sacrifício de Isaac e da morte de Sara (Génesis 23) os rabis estipulam que os dois acontecimentos terão sido muito próximos um do outro, o que é uma dedução lógica e possível – embora não directamente afirmada nas Escrituras. Se assim for, ao subtrair a idade de Sara aquando do nascimento de Isaac (90 anos) da idade que tinha aquando da sua morte, chegamos a uma idade aproximada para Isaac aquando do seu quase sacrifício de 37 anos. Consequentemente, se Abraão tinha 100 anos quando Isaac nasceu teria sensivelmente 137 anos aquando deste evento. O próximo episódio com Isaac que vemos relatado nas Escrituras é o seu casamento com a idade de 40 anos, o que corrobora o que dissemos atrás. Também é possível que a morte de Sara tenha ocorrido alguns anos após este episódio o que faria com que Isaac tivesse uma idade mais aproximada ou mesmo idêntica à do Messias (c.de 30 anos) aquando deste acontecimento. Seja como for, Isaac seria já portanto, um homem adulto e teria aproximadamente a mesma idade do Messias. Também neste pormenor ele foi um tipo do Messias. É de salientar que neste episódio ressalta também a capacidade que Isaac já teria de transportar uma carga de lenha encosta acima num monte que tem um declive bastante razoável. Algo que uma criança seria certamente incapaz de fazer.

no local onde se encontrava? Claramente, Deus não faz as coisas ao acaso e se nós sabemos hoje que o Messias foi de facto sacrificado no Monte das Oliveiras, um monte da terra de Moriá, está consequentemente identificado também, em qual dos montes dessa mesma região é que Abraão edificou o altar onde tentou sacrificar Isaac.

É usual afirmar-se que Abraão revelou total confiança em Deus. E é verdade. Deus havia-lhe prometido uma descendência tão numerosa como as estrelas dos céus e a areia dos mares e havia-lhe dito que essa promessa se cumpriria através daquele filho, Isaac, o filho da promessa. Deus havia já cumprido uma promessa aparentemente impossível, tinha-lhe dado esse filho quando ele tinha já 100 anos e sua mulher 90 (tendo toda a vida sido estéril). Abraão confiou plenamente em Deus para cumprir a sua promessa, não sabendo exactamente como mas talvez pensando que Deus ressuscitaria a Isaac dos mortos. A sua confiança é revelada na resposta que deu a seu filho quando este o interroga acerca da ausência de um cordeiro para o sacrifício:

> **Génesis 22:8**
> *Respondeu Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho.*

A tradicional representação de Isaac como uma criança de tenra idade faz-nos no entanto perder parte do significado que este acto teve como representação do sacrifício de Yeshua. Sabendo que Isaac teria nesta altura para cima de 30 anos[51] e Abraão necessariamente para cima de 130, temos de concluir não só pela fé de Abraão mas também pela de Isaac que, não sabendo de tudo quanto se havia passado entre Deus e seu pai Abraão, no entanto entrega a sua vida livremente para fazer a vontade de seu pai. Também aqui vemos o papel do Messias que muito mais tarde e com a mesma idade, entregou a sua vida livremente para cumprir a vontade de Seu Pai. Note-se que um homem na casa dos 30 anos facilmente dominaria um ancião de 130, no entanto, Isaac entrega a sua vida de livre vontade. É caso para perguntar qual a provação maior – a de Abraão que teria de sacrificar o seu filho ou a de Isaac que passivamente iria permitir que o seu pai o matasse?

Neste ensaio do verdadeiro sacrifício que haveria de ocorrer com Yeshua muito mais tarde, Deus indica-nos o local do sacrifício, a idade aproximada do Messias e a sua disposição em se entregar livremente para fazer a vontade de Seu Pai.

Novamente o Monte das Oliveiras...

Muito mais tarde, vamos novamente encontrar o Monte das Oliveiras a ser referido na Palavra de Deus quando David tem de fugir de Jerusalém aquando da tentativa de usurpação do trono por parte de seu filho Absalão:

[51] Ver nota de rodapé nº 50.

> **2Samuel 15:23**
> *...e o rei atravessou o ribeiro de Cedrom, e todo o povo caminhava na direcção do deserto.*

Quem conhece Jerusalém sabe imediatamente qual o percurso que aqui nos é descrito. Saindo de Jerusalém, do monte Sião, e atravessando o vale de Cedrom na direcção do deserto significa que David saiu na direcção do Monte das Oliveiras e teve necessariamente de subir a sua encosta. Note-se o que mais nos é dito neste capítulo de 2Samuel:

> **2Samuel 15:30,32**
> *Mas David, subindo pela encosta do monte das Oliveiras, ia chorando; tinha a cabeça coberta, e caminhava com os pés descalços. Também todo o povo que ia com ele tinha a cabeça coberta, e subia chorando sem cessar... (32) Ora, aconteceu que, chegando David ao cume, onde se costumava adorar a Deus,*

Esta passagem revela-nos claramente que o cume do Monte das Oliveiras era, já naquela altura e certamente desde tempos passados, um local onde se costumava adorar a Deus.

Tudo quanto temos visto, corrobora o papel central que o Monte das Oliveiras sempre teve no plano de Deus.

Uma última questão curiosa é a de que, no texto masorético, a palavra traduzida acima por "cume" é "*ha rosh*". *Rosh* em hebraico pode significar de facto cume, topo ou pico. Pode também significar principal ou primazia. O nome *Rosh HaChodesh* designa o dia da Lua Nova, ou seja o primeiro dia do mês. Mas todos estes significados são retirados daquele que é o significado primário da palavra: **cabeça**.

Ora o que o texto nos diz é que David subiu o Monte das Oliveiras até "*ha rosh*" ou seja, de acordo com o tradutor, até ao cume. Mas há outra hipótese mais literal. Associemos isto a tudo quanto já vimos acerca do Gólgota, e vemos que David sobe até ao local da cabeça ou do crânio, '*golgolet*' ou gólgota no grego, um local onde, de acordo com o texto "*se costumava adorar a Deus*".

É uma mera suposição, é certo, mas não mais do que aquela que o tradutor usou ao optar por traduzir pela palavra 'cume'. Adicionalmente trata-se de uma suposição corroborada pela opção dos tradutores da Septuaginta que ao invés de traduzirem a palavra "*rosh*" limitaram-se a transliterar a palavra para grego como "*Rosh*". O facto de transliterarem a palavra ao invés de a traduzirem para uma palavra equivalente em grego sugere que "*rosh*" neste caso particular era o nome pelo qual o local era conhecido o local e não apenas o cume do monte.

Afinal, e ao contrário de palavras normais, nomes não são traduzidos mas sim transliterados[52].

Por tudo quanto já vimos é fácil supor que este local da cabeça onde "*se costumava adorar a Deus*" nada mais seria que o '*golgolet*' ou local da cabeça, crânio ou local da contagem ou recenseamento junto ao Altar Mifcad, o lugar fora do arraial e mais tarde defronte do Templo onde de facto "*se costumava adorar a Deus*".

Rui Quinta
Lisboa, Janeiro de 2011

[52] Afinal, não nos referimos ao compositor italiano Giuseppe Verdi como José Verde que seria o caso se traduzíssemos o seu nome.

ANEXO C – A CRUCIFICAÇÃO

Por tudo quanto já dissemos neste trabalho, seria de esperar que a figura ao lado fosse uma correcta representação da crucificação de Yeshua. Afinal de contas ela representa esta crucificação correctamente, ocorrendo no Monte das Oliveiras, mais ou menos defronte do Templo, i.e., perante YHWH.

Mas ela representa também a figura tradicional de Yeshua a ser crucificado numa cruz romana, ladeado à esquerda e à direita pelos outros dois condenados que com ele foram crucificados. Será que isto está correcto?

Conforme dissemos atrás no corpo principal deste trabalho, existem indícios muito fortes e há mesmo muitos académicos que defendem que ele teria sido crucificado numa árvore, transportando apenas a trave horizontal que seria pregada à árvore, e não num poste.

Na realidade, se lermos os relatos com atenção, facilmente verificaremos também que em lado algum nos é dito que lá estavam três cruzes romanas. Isto é uma mera dedução pelo facto dos relatos nos falarem de três condenados – Yeshua e os outros dois.

O que existe nos textos é ampla evidência do contrário, se tão somente o lermos com olhos de ver.

Mas poderá o leitor interrogar-se: *"Que diferença é que isso faz?"*. A resposta é que a Palavra de Deus é rigorosamente pormenorizada ao mais ínfimo detalhe profético por forma a apontar inequivocamente para o único e verdadeiro Messias. Essa é afinal a razão de ser de todo este artigo, pois da mesma forma poderíamos perguntar que diferença faria que ele tivesse sido crucificado no Monte das Oliveiras, ou em qualquer dos locais apontados hoje como sendo o Gólgota. A resposta é simples... Se ele tivesse sido crucificado em qualquer desses locais, ele não seria o nosso Messias pois não cumpriria as profecias a respeito dele dadas por Deus.

A cruz romana simbolizava o cruzar dos equinócios e representava uma oferta – a do condenado – ao deus sol dos romanos, Mitra. Seria próprio que Yeshua, o Messias de Israel, nosso Salvador e Redentor, fosse morto desta forma, como um sacrifício a um deus pagão? Dificilmente...

Sabemos que foram os romanos que conduziram todo o processo, mas foram eles que na realidade o crucificaram? O que é a que a Torá dizia a este respeito?

> **Deuteronómio 21:22-23**
> *Se um homem tiver cometido um pecado digno de morte, e for morto, e o tiveres pendurado num madeiro, (23) o seu cadáver não permanecerá toda a noite no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia; porquanto aquele que é pendurado é maldito de Deus. Assim não contaminarás a tua terra, que o Senhor teu Deus te dá em herança.* (JFA)

Infelizmente as traduções portuguesas são tendenciosas traduzindo por madeiro uma palavra cujo sentido primário claramente significa "árvore". Felizmente, naquilo que é uma rara excepção, a Bíblia de Jerusalém traduz da seguinte forma:

> **Deuteronómio 21:22-23**
> *Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma **árvore**[53], (23) seu cadáver não poderá permanecer na **árvore** à noite; tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus. Deste modo não tornarás impuro o solo que YHWH te dará como herança.* (BJ)

Esta passagem é claramente determinante para entendermos o que se passou com o Messias. Paulo assim a entende:

> **Gálatas 3:13**
> *Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.*

Infelizmente aqui a Bíblia de Jerusalém traduz igualmente por 'madeiro'. No entanto, Paulo está aqui a citar a passagem de Deuteronómio que claramente diz que o condenado seria suspenso numa árvore.

Apesar de existir alguma controvérsia entre os Fariseus acerca do entendimento a dar à passagem de Deuteronómio – i.e., se o condenado era suspenso na árvore antes ou depois de morto – existem evidências nos pergaminhos do Mar Morto que apontam para que o condenado seria suspenso na árvore como método de execução. De acordo com o Pergaminho do Templo, quem fosse achado culpado de determinadas ofensas capitais, seria executado sendo pendurado numa árvore.

> *"Se um homem trair o seu povo e entregar o seu povo a uma nação estrangeira, e fizer mal ao seu povo, pendurá-lo-ás numa árvore e ele*

[53] Esta frase pode ser entendida como enforcamento a partir de uma árvore ou forca como também pode significar ser pregado ou de alguma forma suspenso de uma árvore ou estrutura para efeitos de execução pública ou exposição após a morte. A tradução da *"Jewish Publication Society"* traduz como *"transfixado numa estaca"* (tradução directa). Podemos ver exemplos desta prática em Josué 8:29; 10:26; 1Samuel 31:10; Ester 9:6-14.

> *morrerá... E se um homem cometer um crime punível com a morte, e desertar para o meio das nações e amaldiçoar o seu povo e os filhos de Israel, pendurá-lo-ás também numa árvore e ele morrerá."* (Yadin, *The Temple Scroll*, pág.206 – Tradução livre)

De acordo com os Fariseus, no entanto, apenas blasfemos e idólatras deveriam ser pendurados numa árvore. Muita embora eles o fizessem de forma mais humana, ou seja, só penduravam o condenado para efeitos de exibição já depois da morte deste, o Pergaminho do Templo revela que ser suspenso ou transfixado numa árvore poderia ser o próprio método de execução. Atendendo a que esta interpretação farisaica é tardia, isto revela que o texto de Deuteronómio se refere de facto a suspender criminosos de uma árvore, quer por enforcamento, quer por transfixação.

Agora vejamos quem é que na realidade foi responsável por determinar a forma de execução de Yeshua...

> **Mateus 27:24**
> *Ao ver Pilatos que nada conseguia, mas pelo contrário que o tumulto aumentava, mandando trazer água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Sou inocente do sangue deste homem;* ***seja isso lá convosco****.*
>
> **João 19:7**
> *Quando o viram [a Yeshua] os principais sacerdotes e os guardas, clamaram, dizendo: Crucifica-o! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos:* ***Tomai-o vós, e crucificai-o;*** *porque nenhum crime acho nele. Responderam-lhe os judeus:* ***Nós temos uma lei, e segundo esta lei ele deve morrer****, porque se fez Filho de Deus.*

Claramente se entende então o gesto simbólico de Pilatos ao lavar as suas mãos[54]. Ele não só estava inocente daquela morte como transferiu para os líderes religiosos judaicos a responsabilidade pela execução da mesma. Claro está que eles ao executar a sentença não o fizeram conforme os preceitos romanos mas, conforme eles próprios disseram, segundo a sua lei. E a sua lei, ou mais concretamente a Torá, estipula a suspensão do condenado numa árvore.

Uma vez mais vemos que, até na morte, Yeshua cumpriu a Torá, não as leis romanas.

Refira-se ainda que no Séc.II d.C., Melito, bispo de Sardis escreveu:

> *"Tal como de uma árvore veio o pecado, também de uma árvore vem a salvação."*

[54] Os fariseus teriam entendido o acto de lavagem das mãos por parte de Pilatos como uma declaração inequívoca à luz da Torá. Leia-se Deuteronómio 21:1-9 e note-se que também neste caso, as mãos são lavadas sobre uma bezerra a título de declaração de inocência.

Tudo indica que os primeiros cristãos estavam bem cientes do facto de que Yeshua havia sido morto numa árvore e não numa cruz romana. Diga-se de passagem que o crucifixo só surge como símbolo cristão a partir do ano 326 d.C., já em pleno século IV, e só é introduzido nas igrejas pela Igreja Católica Romana em 431 d.C.. Este símbolo tem uma origem puramente pagã, o "Tau" babilónico em honra de Tammuz, o deus-sol dos Caldeus, e já era, por isso mesmo, usado como símbolo religioso muito antes da morte ou mesmo do nascimento de Yeshua.

Vejamos agora algumas passagens dos Escritos Apostólicos[55]. Voltamos no entanto a alertar para o facto de que, infelizmente, as traduções portuguesas são bastante tendenciosas. Em todas as passagens que apresentamos de seguida, variadíssimas traduções inglesas (entre elas a muito respeitada King James) traduzem o termo grego "*xulon*" (abaixo traduzido por madeiro) por **ÁRVORE**. Diga-se ainda que este termo grego, de acordo o dicionário de Thayer tem dois significados primários:

1. Lenha
2. Árvore

Thayer diz-nos também que os significados estaca, pau e até mesmo cruz podem de facto ser derivados do significado primário da palavra (lenha) mas que os significados directos são lenha ou árvore. Prova disto é o facto de a mesma palavra ser empregue no Apocalipse para designar a Árvore da Vida (e não o Madeiro da vida):

Apocalipse 2:7
Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore [xulon] da vida, que está no paraíso de Deus.

Apocalipse 22:2
No meio da sua praça, e de ambos os lados do rio, estava a árvore [xulon] da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore [xulon] são para a cura das nações.

Apocalipse 22:14
Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes no sangue do Cordeiro para que tenham direito à árvore [xulon] da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.

Apocalipse 22:19
e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore [xulon] da vida, e da cidade santa, que estão descritas neste livro.

[55] Vulgo "Novo Testamento".

Assim sendo e à semelhança do que foi feito em várias traduções inglesas[56], tomámos a liberdade de alterar na tradução de JFA o termo "*xulon*" por árvore.

Actos 5:30
O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o ***na árvore****.*

Actos 10:39
Nós somos testemunhas de tudo quanto fez, tanto na terra dos judeus como em Jerusalém; ao qual mataram, pendurando-o ***numa árvore****.*

Actos 13:29
Quando haviam cumprido todas as coisas que dele estavam escritas, tirando-o ***da árvore****, o puseram na sepultura.*

Gálatas 3:13
Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado ***na árvore****.*

1Pedro 2:24
levando ele mesmo os nossos pecados em seu corpo sobre ***a árvore****, para que mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados.*

Muitos poderão interrogar-se acerca da cruz que o Messias teve de carregar até ao local da sua execução tendo até de ser ajudado a dada altura por um espectador de nome Simão. Na realidade, está mais que provado que ainda que se tratasse de uma execução numa cruz romana, os condenados não eram obrigados a transportar a cruz inteira mas apenas o "*patibulum*", ou seja a barra transversal da mesma. A estaca vertical era geralmente amovível e estava fixa ao chão no local da execução. O transporte de toda a cruz seria praticamente impossível a um homem normal quanto mais a um que acabara de ser flagelado e torturado de várias maneiras antes da execução.

Foi a este "*patibulum*" ou trave horizontal que Yeshua foi pregado pelas mãos ou, mais provavelmente, pelos pulsos. Esta trave era posteriormente pregada a uma árvore ou encaixada num poste vertical. No caso de Yeshua tudo indica que teria

[56] Versões inglesas que traduzem *"xulon"* por árvore: King James Version, New King James Version, 21st Century King James Version, American Standard Version, English Standard Version, New International Version, Jerusalem Bible, Young's Literal Translation, Amplified Bible, Common English Bible, Hebraic-Roots Version, Restoration Scriptures, Aramaic-English New Testament, entre muitas outras.

sido pregada a uma árvore tendo os seus pés sido pregadas ao tronco da mesma.

Note-se que isto está de acordo com a prática romana mas também com a judaica como vimos acima, e dispensa o uso de um instrumento de origem pagã – a cruz.

Em várias passagens dos Escritos Apostólicos a palavra grega "*stauros*" foi traduzida por cruz, como por exemplo no episódio referido acima:

> **Lucas 23:26**
> *Quando o levaram dali tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas para que a levasse após Yeshua.*
>
> **João 19:19**
> *E Pilatos escreveu também um título, e o colocou sobre a cruz...*

Em ambas as passagens a palavra grega traduzida por cruz, é a palavra "*stauros*". De acordo com vários dicionários bíblicos o sentido desta palavra é simplesmente trave ou estaca e pode portanto ser uma referência ao "*patibulum*", ou seja, à barra horizontal que Yeshua transportou (o que é claramente o caso na primeira passagem) bem como à unidade composta pela árvore e "*patibulum*" (que pode ou não ser o caso na segunda passagem).

Isto conduz-nos a uma outra teoria defendida por vários autores[57] e que, no entender do autor deste artigo, é plausível e interessante. Esta interpretação assenta em duas passagens, a primeira das quais se apresenta de seguida:

> **João 19:31**
> *Ora, os judeus, como era a preparação, e para que no sábado não ficassem* ***os corpos na cruz****, pois era grande aquele dia de sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados dali.*

Notem que o texto se refere aos corpos (plural) na cruz[58] (singular) o que nos pode levar a supor que todos os três teriam sido crucificados na mesma árvore, i.e., os três patíbulos teriam sido pregados ao tronco da mesma árvore.

Isto permite-nos perceber como é que três homens crucificados que, pela própria natureza do acto, mal conseguem respirar e que, em muitos casos, acabam mesmo por morrer de asfixia, conseguiam falar uns com os outros. Teriam necessariamente de estar muito próximos para tal ser possível. Note-se que até as pessoas que assistiam à execução e que não estariam longe, tinham dificuldade em compreender as palavras de Yeshua:

[57] Por exemplo, os já citados Ernest L.Martin e John D.Keyser, entre outros.
[58] Neste caso a palavra grega é *"stauros"* e refere-se claramente à unidade composta de árvore e *"patibulum"*.

Mateus 27:46-47
Cerca da hora nona, bradou Yeshua em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (47) Alguns dos que ali estavam, ouvindo isso, diziam: Ele chama por Elias.

Se entendermos que os condenados – entre eles Yeshua – estariam os três crucificados na mesma "*stauros*", i.e., na mesma árvore, conforme descreve João que foi testemunha ocular do evento, facilmente faremos sentido de algo que, de acordo com a explicação tradicional das três cruzes, não fazia de todo.

Os Evangelhos são bem claros quanto ao facto de Yeshua ter sido crucificado entre dois malfeitores, tendo um à sua direita e outro à sua esquerda:

Mateus 27:38
Então foram crucificados com ele dois salteadores, um à direita, e outro à esquerda.

Lucas 23:33
Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, a ele e também aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.

Isto pode fazer-nos supor que a interpretação tradicional das três cruzes lado a lado com Yeshua ao centro, está correcta. No entanto, em lado algum nos é dito que foram crucificados em três cruzes distintas

Se assim fosse, o procedimento dos soldados quando se deslocaram para partir as pernas dos condenados seria, no mínimo, peculiar:

João 19:31
*Ora, os judeus, como era a preparação, e para que no sábado não ficassem **os corpos na cruz** [árvore], pois era grande aquele dia de sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados dali. (32) Foram então os soldados e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado; (33) mas vindo a Yeshua, e vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas.*

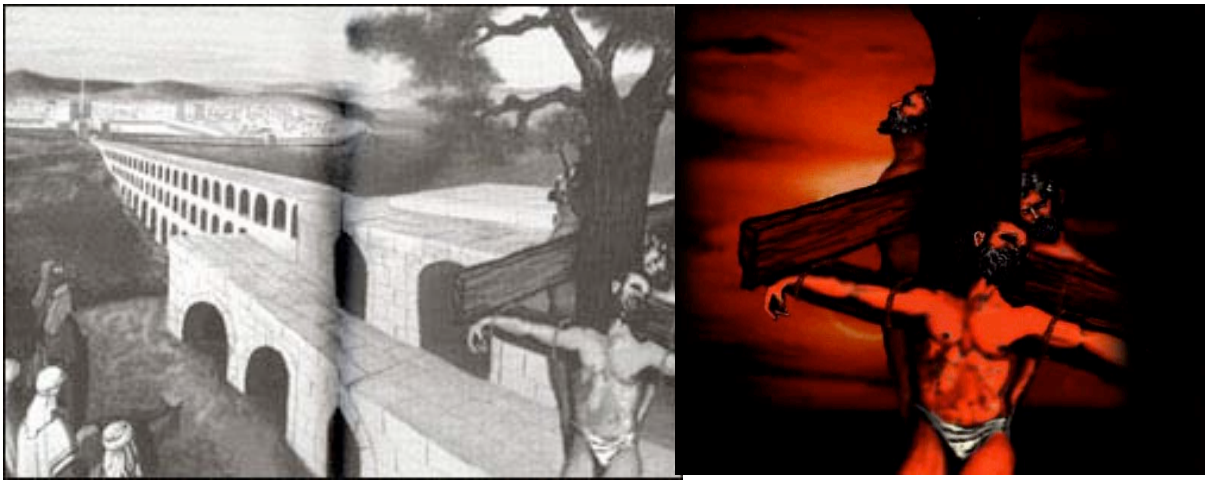
Note-se que eles começam por partir as pernas a um dos malfeitores – ou o que estava à direita de Yeshua ou o que estava à esquerda. Dita a lógica que se dirigissem de seguida ao que estivesse mais próximo que seria necessariamente o do centro, i.e., Yeshua. No entanto, de acordo com João que assistiu a tudo, eles

quebraram as pernas ao primeiro malfeitor, depois ao segundo malfeitor e por fim chegaram a Yeshua e já o encontraram morto.

Se de facto a versão tradicional das três cruzes em linha estivesse correcta teríamos que imaginar que os soldados começaram por uma ponta tendo-se depois dirigido à outra ponta mais distante (passando por Yeshua e ignorando-o) para depois regressarem ao centro para partir as pernas a Yeshua. Convenhamos que não faz sentido.

Ernest Martin chega à mesma conclusão no seu livro "*Secrets of Golgotha*" e faz luz sobre o que, na realidade, se terá passado:

> *"Uma vez que nos é dito pelo apóstolo João (que foi testemunha ocular da crucificação) que todos os três foram crucificados num ÚNICO "stauros" (i.e. numa única árvore), é fácil perceber como os soldados Romanos quebraram as pernas do ladrão à direita do Messias (que tinha as suas costas para o Messias e estava localizado a nordeste dele) e depois partiram as pernas do ladrão à esquerda do Messias (que também estava de costas para o Messias mas estava localizado a sudeste dele). Assim, procedendo do lado nordeste da árvore da crucificação, os soldados primeiro mataram o primeiro ladrão, dirigiram-se a sudeste e mataram o segundo ladrão, mas depois chegaram ao Messias que estava virado a ocidente em direcção ao Templo de seu Pai. Quando chegaram a Yeshua encontraram-no já morto.* (Martin, *Secrets of Golgotha*, págs.176-177 – Tradução livre)



Tudo faz sentido, no entanto, se os soldados estivessem simplesmente a andar em torno do tronco de uma árvore.

Agora meditemos um pouco naquela cena e na sua simbologia.

À medida que o povo passava naquela estrada, dirigindo-se ao portão oriental do Templo, carregando os seus cordeiros pascais para serem sacrificados no

Templo, deparar-se-iam com esta cena e à medida que prosseguiam em direcção ao Templo virariam as costas àquele que os seus cordeiros representavam.

Continuemos a ler o que Ernest Martin nos diz, desta feita no que toca ao simbolismo de toda esta cena:

> *"Esta cena teria implicado seis braços estendidos para cima em torno da própria árvore. Esta cena poderia proporcionar um espectáculo simbólico de uma Menorah viva (o candelabro de sete braços). A Menorah representava na realidade a Árvore da Vida e a Luz do Mundo. E note-se a ironia da cena da crucificação. Ali estava o Cristo a oriente do Santo dos Santos e a olhar para ocidente em direcção ao véu da casa de Seu Pai. Para além desse véu deveriam estar um propiciatório (indicando o Trono de Deus) com as asas abertas de dois querubins por cima desse trono. Ambos os querubins estavam virados um para o outro e para Aquele que simbolicamente se sentava no propiciatório...*
>
> *Agora vejamos a cena da crucificação fora do arraial. Era uma inversão significativa daquilo que fora originalmente concebido por Deus para estar dentro do Santo dos Santos. Aqui estava o verdadeiro Senhor sendo crucificado numa árvore, tendo dois ladrões como os seus "querubins" com os braços abertos e as caras viradas para fora na direcção oposta... Os seus seis braços estendendo-se para cima em torno de um tronco central de uma árvore (o tronco sendo o sétimo "braço") podiam ser considerados um símbolo de uma Menorah viva... Teria a sua crucificação o propósito de demonstrar o significado oposto de uma Menorah de degradação e vergonha? Devendo ele estar sentado no propiciatório no Santo dos Santos, estava antes numa situação diametralmente contrária, como uma oferta pelo pecado sendo crucificado próximo do altar exterior [o Altar Mifcad] do Santuário...*
>
> *Se há algo que se diga deste simbolismo, então o símbolo nacional do estado de Israel (o candelabro de sete braços) representa Cristo sendo crucificado entre dois ladrões (os seus "querubins") pelos pecados do mundo. Isto quer dizer que a Menorah é o crucifixo simbólico de Cristo e não aquele que é normalmente visto na sociedade cristã de hoje. A representação da cruz (e suas várias formas) para a qual os cristãos hoje olham (no alto de igrejas, à volta dos pescoços das pessoas e até gravada em Bíblias) é feita de dois pedaços de madeira seca (não viva) que não pode ter qualquer ligação à Árvore da vida."*

Rui Quinta
Lisboa, Janeiro de 2011

Bibliografia

Em primeiro lugar os meus sinceros agradecimentos a Avi Ben Mordechai que, na encosta do Monte das Oliveiras defronte ao Monte do Templo, pela primeira vez me alertou para a matéria exposta neste artigo.

Edersheim, Alfred – *The Temple*

Hegg, Tim - Parashah 114 – Numbers 18:25 – 20:13

Keyser, John D. – *Just Where in Jerusalem did Our Savior Die?*

Keyser, John D. – The Messiah's Crucifixion Tree

Keyser, John D. – *The Mount of Olives in YEHOVAH God's Plan*

Martin, Ernest L. – *Secrets of Golgotha*

Martin, Ernest L. – *The Final Three Books of the Third Division*

Martin, Ernest L. – *The Significance of Bethphage on the Mount of Olives*

McWilliams, Glenn – Awakening in the Word – Parashah 114 – Bemidbar 19:1 – 20:13

Parte do conteúdo desta Parashah foi em grande medida reproduzido por mim numa parte deste trabalho.

Mock, Robert MD. – *The Copper Scroll, the Anointing Oil, the Temple Incense and the Ashes of the Red Heifer*